

Organização:
Rosa Samara Silveira
Maria Eliziana Pereira de Sousa
George Glauber Félix Severo
Sérgio Araújo de Mendonça Filho

II COLETÂNEA DE POESIA, CORDEL, CONTOS E CRÔNICAS DO IFPB

Homenagem a
**Marília Arnaud
e Lourdes Ramalho**

"100 anos da Semana de Arte Moderna"



Costumo dizer aos jovens escritores que não há nada mais estimulante para quem está iniciando a carreira do que submeter seu texto a um concurso literário. Ter um conto ou um poema apreciado e reconhecido por jurados é o mesmo que ouvir: Vá em frente; você é um prosador ou um poeta; seu futuro começa aqui! E falo isso, não somente por acreditar no valor dos concursos literários, mas por haver alicerçado minha carreira neles. Dois dos meus livros de contos, o segundo e o terceiro, foram publicados através de concursos literários locais promovidos pela Subsecretaria de Cultura do Estado da Paraíba e pela UFPB. Recentemente, em 2021, meu romance “O pássaro secreto” foi o vencedor do Prêmio Kindle 5ª edição (Amazon), concorrendo com 2.400 obras, fato que deu uma visibilidade à minha literatura e alavancou minha carreira de forma considerável. O certo é que os concursos literários, como esse promovido pelo IFPB (Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e Diretoria de Cultura), em que foram selecionados cordéis, contos, crônicas e poemas de alunos, professores e pessoas da comunidade, são iniciativas que merecem nossos louvores. Como homenagem, junto com a grande dramaturga Lourdes Ramalho, parabeno os (as) vencedores (as) e os (as) exorto a seguir em frente com persistência e dedicação, lembrando a todos que o fazer literário é essencialmente trabalho, mas, antes de tudo, amor.

Marília Arnaud

“ – É preciso uma tomada
de conscientização
pôr de novo os pés na terra
labutar de novo o chão.
– Ser de SANGUE, SUOR, TRABALHO,
ser RISO, CHORO, CANÇÃO...
Trabalhar com seriedade,
entregar-se com humildade
a quem estender a mão...
– Ver de cada um – a VERDADE.
– Sentir do outro – o CALOR.
– IRMÃOS NA FRATERNIDADE
DE UM IMENSO ABRAÇO DE AMOR!”

Trecho dito pelo Poeta na Peça Guiomar Sem Rir Sem Chorar

Lourdes Ramalho

Organização:
Rosa Samara Silveira
Maria Eliziana Pereira de Sousa
George Glauber Félix Severo
Sérgio Araújo de Mendonça Filho

II Coletânea de Poesia, Cordel, Contos e Crônicas do IFPB

Homenagem a
Marília Arnaud
e Lourdes Ramalho
“100 anos da Semana de Arte Moderna”

João Pessoa-PB
2022

Copyright © 2022 todos os direitos reservados aos autores da
II Coletânea de Poesia, Cordel, Contos do IFPB
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA (IFPB)

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Jair Messias Bolsonaro

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Victor Godoy Veiga

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLOGIA

Tomás Dias Sant'Ana

REITOR DO IFPB

Cícero Nicácio do Nascimento Lopes

PRÓ-REITORIA DE ENSINO

Mary Roberta Meira Marinho

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO

Silvana Luciene do Nascimento Cunha Costa

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA

Maria Cleidenédia Moraes Oliveira

PRÓ-REITOR DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

Manoel Pereira de Macedo Neto

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO E FINANÇAS

Pablo Andrey Arruda de Araujo

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Thaise Marques de Lima

Maria Vitoria Galberto Sales

CORREÇÃO ORTOGRÁFICA

Bruna Belmont de Oliveira

Fernanda Isabela Oliveira Freitas

Patrícia Margela Fernandes Silveira

José de Arimateia Tavares

Francisco Igor Arraes Alves Rocha

Rafael Venâncio

EDITORA IFPB

DIRETOR EXECUTIVO

Ademar Gonçalves da Costa Junior

Todo conteúdo desta obra é de inteira responsabilidades de seus autores

Catálogo na Fonte: Biblioteca Poeta Zé da Luz

Eliziana Sousa CRB-15/564

C694

II Coletânea de Poesia, Cordel, Contos e Crônicas do IFPB: homenagem a Marília Arnaud e
Lourdes Ramalho/ Organizadores Rosa Samara Silveira et al. -
João Pessoa: Ed. IFPB, 2022.

122p.

ISBN: 978-65-87572-50-5 (impresso)

ISBN: 978-65-87572-49-9 (e-book)

1. Poesias 2. Cordéis 3. Contos 4. Crônicas I. Título.

CDU 82(81)



editoraIFPB

Av. João da Mata, 256 - Jaguaribe. CEP: 58015-020, João Pessoa - PB.

Fone: (83) 3612-9722/ E-mail: editora@ifpb.edu.br

Sumário

APRESENTAÇÃO

POESIAS

As bolsas e o bolso	12
Canção à senhora de todas as águas	13
Chuva, chuva, chuva: bela e esperada	16
Cinderela revolucionária	17
Cores	18
Corpo mulher	20
Diana (três faces)	22
Estou grávida	26
Exótica	27
Infância	29
Infinitos ilusórios	30
Fogueira	31
Monólogo da última estação	33
Noite	34
No passo do tempo	35
Transmutação evocativa	36
Trança de lembranças	38
Trovadora encantada	39
Uma odisseia homérica, que transformará mitologia em dia a dia	41
Uma valsa perdida	43

CORDÉIS

A luta que faz história	46
Nordestino novamente	49
O armado desalmado	51
O transcendente	55

CONTOS

Acrofobia	58
A última imagem	60
Café, sabor e esquecimento	65
Cetim negro	70
Deixa a vida me levar	74
Fragmentos	79
O aniversário de aninha	83
O preço do leite	94
Pés molhados	98
Um dia quase fatídico	100
Zelinda	103

CRÔNICAS

A magia do natal e a gata borralheira	110
A onça	113
Em branco	115
Onomatopeia que conecta	116
Precipitado	118

APRESENTAÇÃO

No centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, importante marco para a cultura brasileira, vivemos tempos estranhos quanto ao reconhecimento da diversidade cultural brasileira e ao apoio estatal à arte e cultura nacionais. A resposta a isso não poderia ser outra, e eis que surge mais uma edição do Concurso Literário do IFPB. É fato. As instituições de educação pública configuram-se em um bastião contra o reacionarismo sectário dos poderosos do último minuto, todos revestidos de um falso moralismo. insPira. exPira. Resista que tudo passa!

No Brasil de ontem e de hoje, o livro, a biblioteca e a leitura não são uma realidade para todos os brasileiros. Por outro lado, o interesse de uma centena de pessoas da Paraíba e de diferentes recantos do Brasil, em participar do Concurso Literário e dessa Coletânea, pode ser compreendido como um posicionamento importante de quem anseia pela transformação de clubes de tiro em espaços de leitura.

O Concurso e a Coletânea representam a concretude da política cultural desenvolvida no IFPB, que convida o indivíduo a encontrar o seu “eu” criativo em sintonia com as ações que perpassam por diferentes temáticas, a exemplo do livro, leitura e literatura. E assim, fortalecendo as iniciativas culturais, a Instituição demonstra o seu compromisso com a formação de trabalhadores cidadãos aptos a agir por uma sociedade mais justa e solidária.

A II Coletânea de Poesia, Cordel, Contos e Crônicas resultante do 3º Concurso Literário do IFPB (3º CL-IFPB) teve seu início em meados de novembro de 2021 e chega em novembro de 2022 com o lançamento de mais um livro em E-book e também no formato impresso, dentro da programação do 2º Festival de Arte e Cultura do IFPB. De 2020 para cá, são 112 autores publicados com textos inéditos.

No contexto da educação profissional, científica e tecnológica, buscou-se contribuir com o estímulo à leitura e à escrita de textos literários, de modo a favorecer ao aumento do repertório simbólico de estudantes, servidores e de pessoas da comunidade externa, oportunizando a participação de pessoas nas unidades do IFPB que ainda não realizam ações perenes na área do livro, leitura e literatura.

Outro fator importantíssimo são as homenagens que visam estreitar os laços do IFPB com a produção cultural do estado da Paraíba. No 3º CL-IFPB, destacamos a premiada escritora paraibana Marília Arnaud que tem a sua obra mais recente intitulada “O pássaro secreto” (2021). Marília é sensível aos espaços e iniciativas de formação de leitores, além de ser reconhecida da importância dos concursos literários como ação de estímulo ao surgimento de novos escritores.

Lourdes Ramalho (in memoriam), radicada em Campina Grande (PB), se destaca como uma dramaturga reconhecida em nosso país e fora dele, uma mulher nordestina detentora de uma vasta obra comprometida com a cultura popular. O universo dos encantados povoam as histórias contadas por Ramalho na voz de personagens que habitam o imaginário infantil e as simbologias de diversas culturas. Suas cenas caminham pela dura realidade vivida por nosso povo.

Assim, falar das obras de Lourdes Ramalho e Marília Arnaud em sala de aula ou reverenciar seu gênio criador, na arte e literatura, é missão das instituições de ensino da Paraíba.

Desta feita, o 3º CL-IFPB recebeu 105 inscrições e publica nesta Coletânea 40 textos de diferentes autores entre homens (21) e mulheres (19), nas categorias de poesia (20), contos (11), crônicas (5) e cordel (4).

Desse universo de artesãos das palavras, temos estudantes do IFPB (9), servidores do IFPB (5) e pessoas da comunidade externa (26), alguns dos quais parceiros e colaboradores das unidades do IFPB.

Entre os membros da comunidade externa com textos publicados, alguns se identificam como professores (7), outros como escritores (5), estudantes de escola pública municipal ou estadual (2) e cidadãos em geral (11) que se interessaram pela iniciativa do IFPB.

Da comunidade externa, temos Júlio César Rodrigues, da cidade de Princesa Isabel (PB) e Maicon Gabriel Silva Cruz, da cidade de Campina Grande (PB)

Cruz, da cidade de Campina Grande (PB), estudantes da rede pública de educação que foram os selecionados mais jovens, com a crônica “Em branco” e a poesia “Chuva, chuva, chuva: Bela e esperada”, respectivamente.

Os autores da comunidade externa são oriundos de 15

idades diferentes – Campina Grande (PB), Bayeux (PB), João Pessoa, Caucaia (CE), Caraúbas (RN), Natal, Recife, Princesa Isabel (PB), Picuí (PB), Santa Luzia (PB), Resende (RJ), Campinas (SP), Pedras de Fogo (PB), Olinda (PE), Belo Horizonte, Pilar (PB) – localizadas em sete estados do nordeste e sudeste do Brasil.

Do IFPB, foram selecionados estudantes ou servidores dos campi de Cabedelo Centro, Cajazeiras, Campina Grande, Catoilé do Rocha, Itaporanga, João Pessoa, Pedras de Fogo, Picuí e Santa Rita.

A presente iniciativa não seria possível sem o trabalho conjunto de várias pessoas, mesmo que em diferentes momentos e intensidades laborais. Agradecemos a equipe da Pró-reitoria de Extensão e Cultura, em especial, nas pessoas de Maria Cleidenedia, Maria José (Josi), Yana Dantas, Jeudi Lemos, Rhenan Varela, Alexsandro Ribeiro, Manoel Pereira, Lourdes Macedo (in memoriam), Verônica Rufino, Adilson Silva, Thaise Lima, Maria Vitoria, George Glauber e Rosa Samara que presidiu a comissão organizadora.

Agradecemos a todas as pessoas que integraram a comissão de organização e avaliação (Portarias PROEXC nº 43/2021; 10/2022; e 20/2022) nas pessoas de Daniel Andrade (Biblioteca Profº Ribamar da Silva - Campus Cajazeiras), Edgreyce Bezerra (Biblioteca do Campus Santa Luzia), Maria Eliziana (Biblioteca Poeta Zé da Luz - Campus Campina Grande), Ericka Anulina e Sérgio Araújo (Campus João Pessoa), Igor Arraes e José de Arimatéia (Campus Cajazeiras), Patrícia Margela (Campus Sousa), Fernanda Isabela (Campus Itabaiana), Vandikson Barbosa e Bruna Belmont (Campus Itaporanga), Rafael Venâncio e Rafael Borges (Campus Monteiro), Rodrigo Malheiros (Campus Guarabira) e Erivan Lopes (Pró-reitoria de Ensino).

Tivemos ainda outros colaboradores do IFPB e da comunidade externa que voluntariamente auxiliaram a comissão organizadora na avaliação dos textos, nas pessoas de Ana Carolina Abiahy, Marcos Antonio de Andrade Filho e são organizadora na avaliação dos textos, nas pessoas de Ana Carolina Abiahy, Marcos Antonio de Andrade Filho e Larissa Mendes. Por fim, não poderíamos deixar de citar o apoio de todo o corpo técnico da Pró-reitoria de Administração e Finanças, em especial, nas pessoas de Pablo Andrey, Carlos Diego e João Miguel. Além de todo

o corpo técnico e gestor da Editora IFPB.

Esta Coletânea marca a consolidação do Concurso Literário do IFPB!

Convidamos, você, caro leitor, a desfrutar o universo literário desse coletivo de pessoas que contribuem, ao lado do IFPB, com a construção de um Brasil da leitura, do livro, da literatura e da biblioteca.

Poesias

AS BOLSAS E O BOLSO

A de valores, só pra quem é rico,
A de Família, só pra quem é pobre,
Que também usa de palha ou tecido,
Mas a de grife, só pra quem é nobre!

Bolsa de estudo para os alunos,
Bolsa fomento de pesquisador,
São duas bolsas que abrem nossos rumos,
Bolsa de látex para fazer amor.

Bolsa pochete pra quem é turista,
Bolsa mochila que se põe nas costas,
Na pandemia até bolsa artista,
Urna eleitoral, bolsa de resposta(s)!

Fura-se o dedo enche-se uma bolsa
Tão amarela e repleta de pus,
A amniótica é a nossa bolsa,
de Bolsa fala até o Senhor Jesus!

Há bolsas feitas também da bandeira
desenvolvida para os patriotas;
Há bolsa até pra se fazer a feira,
E o bolso caro para os idiotas.

(Sobre o autor: SOCRAM CRETINO: O ÚTIL)

CANÇÃO À SENHORA DE TODAS AS ÁGUAS

I Veneração

Venero a ti, ó senhora de todas as águas.
Teus cabelos,
ondas dos mares calmos e bravios,
entre os fios de matéria densa e salgada,
deslizaram
ou tragaram,
navios,
mulheres,
baleias,
sonhos.

Teus olhos sagrados,
jamais vistos,
carregam o princípio e o fim do universo.
Tua veste encobre um corpo ausente
negro das cores não refletidas na luz.

Corpo-buraco
varrido por redemoinhos de hidrogênio e oxigênio
desarranjados.
Transbordam da bainha de tua saia rendada
águas doces,
compondo a matéria da natureza
e da natureza humana.

Ó venerada senhora dos rios,
lagos
e oceanos,
a ti sou devota e a ti encomendo
- com agrado -
minha futura carcaça.
Dela verterá água em abundância,
água doce e salgada.
Serão as sobras de uma existência náutica.

Mas, em troca, eu te peço, senhora,
que, ainda em vida,
exuma do corpo dos meus pensamentos
toda densidade turva,
abrasiva
e mórbida.
Purifica,
liquefaça,
oxigena,
movimenta minha existência
e a ti serei eternamente grata.

II Graça

Ó grão cósmico.
Feliz me refaço na tua oferenda.
Reaverei a água transbordante de tua carcaça.
Da matéria seca farei novas estrelas.
Concederei a ti o dom da própria limpeza.
O que achares, em tua matéria física e pensante,
ser desnecessário,
excedente
e destrutivo,
despeja em um barco leitoso,
feito em papel firme, montado em tua própria mente.
Chama meu nome três vezes:
Senhora das águas,
Senhora das águas,
Senhora das águas.

Farei o veículo marinho naufragar em meus cabelos,
transmutando em ti o que havia de,
no barco,
ser passageiro.

E, se puderes, grão de vida, deposita
- em pensamento mesmo -
uma flor de jasmim-laranja
na dobra de minha orelha,

e a ti
também serei
eternamente grata.

(Sobre o autor: Maria Betânia Monteiro “Gosto de filtrar a vida com tecidos de palavras. O caldo resultante, seja prosa, seja verso, é sempre poético - minha sina. Publico meus contos e poesias em coletâneas, mas em breve, quem sabe, chegue ao público um livro meu.”)

CHUVA, CHUVA, CHUVA: BELA E ESPERADA

A chuva é uma delícia
Caindo sobre minha boca
Suas gotas pairando a terra
De uma forma muita louca

Seu céu branco como papel
Na chuva negro como um torrão
Seu gosto doce como mel
Num som alto como trovão

O som dela é único de se ouvir
Hipnotizando com sua melodia
Fazendo-nos dormir com sua cantoria

Ela é odiada por muitos e amada por todos
Sempre ajudando sem ganhar nada em troca

Ela é gelada como nevasca
E linda de se olhar
Ela é um ser perfeito
Doce de se admirar

Ela é incrível como Tlaloc
E admirada como Adade
Existe um ser melhor
Que essa divindade?

(Sobre o autor: Maicon Gabriel “Sou estudante do 9º ensino fundamental da rede publica estadual e gosto de escrever sobre temas que fogem da realidade, temas incomuns, buscando por meio da literatura atingir as pessoas. Essa é minha primeira publicação e experiência no campo.”)

CINDERELA REVOLUCIONÁRIA

A Cinderela aqui
É revolucionária
É rainha
Não é princesa
Não!

É filha de mãe África
Leva nos peitos fartos
A origem do mundo
A certeza de si
Do seu poder
E de toda sua ancestralidade

A Cinderela aqui
É revolucionária
Usa black power
Batom roxo
Faz seu próprio caminho
Não deve
Nem obedece
A ninguém
As linhas que escreve são suas
As entrelinhas?
São tudo que essa Cinderela tem para o mundo

(Sobre o autor: Jeovânia P. é escritora e professora. Nasceu em Natal/RN, vive em Bayeux/PB. Publicações: 6 livros poesias, 1 de contos, e organizou 7 coletâneas. Tem o selo e o canal no YouTube Literatura Feminina, onde desenvolve o projeto “Bom dia com literatura feminina!”.)

CORES

Sou uma pedra esfumaçante de gelo
No calor da atmosfera me desfaleço
Pela torrente de lágrimas em face
Do desmanche das vívidas frases
Nas rochas que sopram as letras
Eram na alma verdadeiras palavras

Na imensidão azul ficam dispersas
Pela vida em desatino, uma pena
Mergulha num balde fundo de tinta
Navega da nascente do rio vermelho
Envolta pelos tubos esverdeados
Direto até palma da minha mão direita

Pensar e escrever poesia é um elo
Um pincel tremula no nosso cérebro
Agita a luz nas copas das árvores
Flutuam as folhas na floresta em estrofes
Acendem os bosques, lanço-me do morro
Porque ver os versos é ver um SOS

A madrugada laranja firma um silêncio
Frutífero de expressões para um compêndio
Revelam na relva sombras resplandecentes
As vivas figuras se emolduram na mente
A certeza e a convicção que nos trazem
É a mesma de enxergar desenhos nas nuvens

Além do firmamento, o espaço negro
Absorve todos os raios e vibrações
Insufla o meu balão para o alto onde
A vastidão do céu é apenas um fragmento
Que explode em matizes vivas de sentido
Uma aquarela para os traços perdidos

No ilimitado o canto dos pássaros é um dossel
Retrátil de vozes subindo num carrossel

Onde o todo é integralmente comum
Ao sentir isso o coração aqui faz tum tum
Fonte latente de imagens em atividade
Escritas por cima da branca luz da eternidade.

(Sobre o autor: Sylvio do Rêgo Barros “Sou um cascalho; desmancho-me nas folhas. Na mão do vento, viro poeira; puxo o ar, poesia vou soprar. Leio um livro: o espírito, na ponta dos pés, explode a mente; o coração voa em versos, textos da vida, cultura e política. Escrever é unir-se em algo útil com alguém.”)

CORPO MULHER

Nosso Corpo Mulher
É atentado ao pudor
Fere os olhos do Estado conservador
Que nos pune
Encouraça
Quer emoldurar.

Nosso Corpo Mulher
Que é nobre
Mostra - encobre
O que há de profano e sagrado
Do que fica nele guardado
Geramos frutos
Dos tecidos impostos a nós
Costuramos Vida.
Nosso Corpo Mulher
É chegada e partida
É Rebento e fim.

Nosso Corpo mulher
Que produz tanta luz
É tratado- porém- como coisa qualquer.
É jogado entre valas
Açoitado por balas

Do branco Estado- macho atroz-
Nosso Corpo Mulher

É feroz
É política pura
É desejo encarnado.
Nosso Corpo
É o fim do pecado
É sangue
É cultura
Muito bem orquestrado.
É matriz ancestral

É mistério profundo.

Nosso Corpo Mulher
É o princípio do mundo.
É semente
Resvala...
É de todas as cores
Não falha.

Ele Pulsa
e
Move
e
Age
e
Grita
e
Luta
E
Cansa
e
Goza
e
Descansa.
Nosso corpo, mulher,
é vingança
é ato não falho.
Não é Falo
É FALA
que jamais se cala.

(Sobre o autor: Renálide Carvalho "Escrevo porque sou escrava do verbo, escrevo porque escrever me cura, me salva da mediocridade, me faz esperar. Escrevo porque me reconheço como gente ao me inscrever nos textos e inscrever outras existências, porque não consigo dissociar minha vida da poesia. Cabe na minha poesia o que toca a minha existência enquanto mulher preta, enquanto gente que sente, sua, sofre, goza, luta, tece a vida dia a dia. Cabe o amor, a política, a natureza, os sentimentos do mundo.")

DIANA (TRÊS FACES)

I (A Deusa)

Não sois mulher como as demais,
 Vós não pecais!
Sois mesmo deusa sem defeito;
E em mim tereis eterno escravo,
 Fiel e bravo,
Em vos servir tão satisfeito!

Nunca na vida tive amor,
 Um sofredor;
Mas hoje entendo, ó Senhora,
Que para mim fostes criada!
 Diva sagrada,
Do meu viver a redentora!

Só quero ver-vos satisfeita,
 Musa perfeita!
A vós eu dei-me por inteiro,
Tendes minh'alma e o corpo meu;
 Sou qual Romeu,
De Julieta o prisioneiro.

Jamais, eu digo, trocaria,
 Nem por Maria,
Vossos carinhos, virgem pura!
Por vos amar, tornei-me cego;
 E assim me entrego —
Como um mortal à sepultura!

Digno de vós sei que não sou,
 Mas cá estou
Aos vossos pés ajoelhado,
Tecendo-vos a mesma prece,
 De quem padece,
Arrependido dum pecado!

De vos perder eu tenho medo,
 Não é segredo,
Minha tristeza eu não omito!
Só de pensar na despedida,
 — Fiqueis, querida! —
Oh! Como choro, sofro, grito!

Quando vier, enfim, a morte,
 Nobre consorte,
Sei que, no dia do Juízo,
Por ter-vos sido tão fiel,
 — O meu papel —
Hei de alcançar o Paraíso!

II (A ninfa)

Diana. Eu a chamo assim,
Por trazer, em sua pele,
A brancura do marfim
 E o olor doce do alecrim!
 Tão bela Ninfa me compele
A buscar nos verdes campos
O gozo dos seus encantos!

Pequenina que ela é,
Quando vem me dar um beijo,
Fica na ponta do pé!
 E essa inocência de mulher
 Sabe acordar em mim desejo
Com seu corpo esculpado,
No de Vênus inspirado!

Também muito caprichosa,
Quando sai, a pastorinha,
— No cabelo co'uma rosa,
 Para rezar, silenciosa —
 Lembra-me Santa Teresinha,
A cativar por onde passa
Os corações com Sua graça!

Para nunca estar distante
Desse sonho venturoso
Escolhi, inesitante,
 Deixar a urbe fatigante
 Por bucolismo deleitoso;
E entre os prados lá no monte,
Vou estar dela defronte!

III (A mulher)

Mote:
O teu corpo é um delírio...
És alva da cor do lírio,
És clara da cor da neve!

Voltas:
O quanto podes, Diana,
Não podem outras mulheres:
Faço tudo o que quiseses;

 Basta pedires — soberana —
Que me perco em ti, sultana!
O teu corpo é um delírio...
 E resisti-lo é um martírio!
Podes ter a qualquer moço,
Nem precisas esforçar-te.
(Da lascívia és baluarte)
 Mas o teu corpo saboroso
É só meu — que sou zeloso!
És alva da cor do lírio,
 E resistir-te é um martírio!

Eu, feliz, sou teu cativo,
As outras nem mesmo vejo:
— Só por ti sinto desejo —
 É só por ti, enfim, que vivo!
Eis que explico o meu motivo:
És clara da cor da neve,
 Não há melhor sequer de leve!

(Sobre o autor: Raymundo da Lucânia “Sou um entusiasta da Arte Poética e, portanto, o meu tempo de escrita literária é dedicado aos versos. Tenho como temáticas preferidas, e que se fazem presentes na primeira antologia (poética) por mim publicada, Deus, o Amor (romântico) e as «Dores do Mundo».”

ESTOU GRÁVIDA

Da ação
Da emoção
Da melodia
Riso do dia
Ao meio dia
Das ondas sonoras
Agudas, lentas e graves
Dos acordes harmoniosos da tua voz

Do infinito das estrelas
Valsando de um hemisfério a outro
Penetrando minhas zonas inabitáveis
Revirando-me de um extremo a outro
Expelindo água fervente e gelo
Nesse ambiente inóspito há vida?

Estou Grávida

Da precipitação dos ventos
Dos elementos do tempo
De suas correntes marítimas
Da paisagem mental
Véu do dia
Luminescência da noite
Do pulsar de nascentes
Da placenta que apascenta e alimenta
Da partícula de vida
Atingindo o assoalho pélvico
Probabilidade de existência
Estou parindo eu-nós.

(Sobre o autor: Antonia Katia: É poetisa, suas inspirações se baseiam na contemplação dos seres e em tudo que permeia sua vida. Encontrando na poesia sua forma de expressão, a obra fala sobre o universo feminino, afetos, e a natureza. Teve seu primeiro poema “Libélula” publicado em uma Coletânea de Poesia, Cordel, Contos e Crônicas do IFPB.)

EXÓTICA

Olhos observadores
Corpo esculpido pelas mãos do melhor artista
Desejos expressos sem pudores
Capazes de serem julgados por quem não é capaz de obter
alguma conquista.

Sou hoje a certeza para a dúvida
Sou o engano das infundadas certezas
Posso ser copiada, mas não deixo de ser única
Porque ninguém jamais conseguirá copiar o que é da minha
natureza.

Os anos transformaram-me muito mais que uma bela imagem
Tornei-me uma mulher totalmente preparada
Para conduzir a mais pesada bagagem
Sentido eu, sempre agraciada.

Conduzida por exótica beleza
Sou índia que desperta no estrangeiro sonhos irrealizáveis,
Mas para aquele que arremessou seu laço com destreza
Conseguiu prender a cabocla dos desejos mais insaciáveis.

Sou índia selvagem
Mas ao ser devidamente dominada
Amo com devoção, santa libertinagem
Fazendo-me para meu sôfrego caçador, a melhor caçada.

A espera do pestanejar de quem hoje de mim tem o domínio
Cercam-me astutos caçadores
Tentando fazer-me trocar o verdadeiro ouro, por simples
alumínio
E assim dar espaço para errôneos invasores.

Entre elogios e rumores
Vivo o que quero viver
Desejos despertados em caçadores e trovadores
Mas um coração batendo por quem por mim, tem conseguido
se promover.

Na nossa relva as folhas jamais secarão
Mas serão sempre regadas pelo branco leite
De dois corpos ardentes de amor, paixão
E seremos enfim um do outro, o melhor deleite.

(Sobre o autor: Josemary Palmeira. “Sou uma pessoa fascinada pela poesia, publicando pensamentos e reflexões nas redes sociais, onde deixo-me conduzir pelas emoções, escrevendo palavras que fluem dos sentimentos mais profundos.”)

INFÂNCIA

Ah!! Meu tempo de infância
Quando o sol se punha
Brilhante de esperança
Cobrindo a face minha

Ah!! Meu sonho dourado
Brincadeiras inocentes
Que renovam o cansaço
No sono o repouso da mente

Ah!! Meu corpo pequenino
Branquela, loira e vesga
Quase sempre sorrindo
Por qualquer coisa besta

Ah!! Minhas manias,
Mantinha os pés descalços
Sempre que chovia
Sentindo ao redor cada espaço

Ah!! Saudosos dias
Que explorava o quintal,
Toda descoberta que fazia
Se tornava carnaval

Ah!! Como eu queria
Da minha mãe o colo
E os bolos que lá fazia
Memórias em como sopro

Ah! Doce infância
Guardo-te na lembrança
O mundo era pura magia
Como era bom ser criança...

(Sobre o autor: Lilian Carvalho é poetisa desde muito nova, seus interesses pela literatura afloraram cedo, assim que aprendeu a ler passava suas horas lendo e sentia que havia muito ainda a se descobrir. Infância, uma de suas poesias, foi escrito durante seu ensino médio e circunstância o imaginário da autora que tem na memória viva os seus tempos de menina.)

INFINITOS ILUSÓRIOS

Fui à praia ver o mar,
a imensidão que me apequena;
o vai e vem das ondas a me acalmar;
a maresia, o vento em noite serena.

Olhos os céus e imagino o universo:
um mundo que não cabe nestes versos.
Volto meus olhos para mim:
célula, átomo, pó. Ilusório infinito aqui.

Gaivotas em grasnos, ventos assobiantes;
ondas incansáveis, vagas incessantes.
Tanta voz a ser sentida, ouvida.

Gotas, nesse oceano, imensuráveis.
Grãos de areia incontáveis.
Tanta lição a ser aprendida.

Ensina-me, peixe do mar,
até a carne insossa, não contaminada,
mesmo em meio à água salgada.

(Sobre o autor: Eduardo Silva "Gosto muito de escrever poesias. Meus textos estão disponíveis no meu Insta @jedusilva. As temáticas giram em torno de impressões que vou construindo, da interação com os outros e com o espaço a minha volta. Hoje, sinto-me em plenitude, pois não caminho mais sozinho. Ando sempre na presença de meu grande Amigo, Jeová Deus!!!")

FOGUEIRA

Esfriou a palma da mão
E o fogo que antes
Se fazia arder
Voltou às lenhas
Molhadas de sereno
E às cinzas no caminho
Um dia foram brasas
Estalaram a madeira
Moeram a dor calada
O fogo apagou.
A chama que antes
Com as nuvens dançavam
Não quer mais o baile
Nem o beijo.
Se encontra hoje
Inacabada.
Vem a chuva de pingos pretos
Depois que a lenha já se entregou
Rendeu-se ao calor
Depois ao frio
Que suavemente
Lhe abraçou.
Descansa?
Está morta?
Ou desmaiada?
A palma da mão
Já não aquece.
A face sem fogo
É só uma fase
Sem foice, sem frase
Porque tudo lhe esquece.
Lenha molhada
Aguarda o sol
Magistral beleza
Querendo te ver.
Sem obra da mão
Mas da natureza

No peito que queima Mesmo sem querer.

(Sobre o autor: Rosilene Leonardo “Escrevo poesias, contos, crônicas, estou trabalhando em um romance onde o cenário é a cidade de Princesa Isabel - Revolução de 30. Tenho feito pesquisas e lido muito sobre feminismo, considerando que o romance trará esse tema para os leitores. Quero abordar o machismo nessa cidade interiorana que foi governada por um coronel. Estarei lançando no início de outubro o livro: Versos Descascados, além disso, participo de concursos literários de todo Brasil. Já foram publicados alguns nessas coletâneas, outros estão no “Recanto das Letras” e em minhas redes sociais. Sou professora de Língua Portuguesa o que me oportuniza participação e mediação no protagonismo dos meus alunos. Sou Membro da Academia Princesense de Letras e Artes. Membro Correspondente da Academia de Letras do Sertão Pernambucano e Coordenadora do Grêmio Literário Joaquim Inojosa aqui de Princesa.”)

MONÓLOGO DA ÚLTIMA ESTAÇÃO

Estava rodeado de arrogâncias
Na ganância desta noite que não vai amanhecer
Gentes que não sabiam ou que sabiam a que vieram ver
Emitindo pareceres, parecendo preces indo pelos ares
Cantei as últimas ladainhas dos meus vômitos
Vomitando ídolos por Buenos Aires
Comi as partes mais saborosas de mim
Num banquete antropofágico
Estava cheio de silêncios, esperando as flatulências
se manifestarem
Velei meu corpo por várias horas vazias
Deitado sobre uma mesa com varandas de labirinto
Embevecido nos perfumes entre estames e pistilos
Nas corolas que vento não devora
Dentro do meu corpo o milagre da vida
Reencarnava as novas gerações de invertebrados
Decompunha-se a o verbo em bichos de sete
cabeças desalmados
Que percebiam a luz na entrada da Caverna de Platão
Como se meu corpo fosse uma atmosfera planetária
Para novos inquilinos especialmente sombreados
Foi necessário me acalmar, para conter os gestos bruscos
A luz fraca não iluminava a entrada do túmulo
Muito menos a literatura dos países baixos
Ouvi o choro da gente, como gente que toca bandolim
Vi o tempo passar, como num canto secular
Velando-me, eu me chego à elipse dos meus sonhos
Escondendo-me atrás de palavras que já não fazem
mais sentido
Perdi o bonde da história na hora de embarcar
Embarquei leve, deixando pecados e predicados
Para as gentes regurgitarem fótons à velocidade da luz.

(Sobre o autor: Marcos Antonio Campos “Escrevo desde 2011. Publiquei 5 livros e dois cordéis. Navego pela prosa e pela poesia em qualquer vertente. Sou concreto e modernista. Posso ser visto em várias coletâneas. O que eu escrevo encontra-se nas livrarias da UFRN e Manimbu em Natal ou através do fone (84) 99949-1420.”)

NOITE

A noite sobe alta neste travesseiro
a noite vem como um jangadeiro
que deixa o mar
a noite é uma ave que migra em mim
como uma tenda beduína
a noite salpica museus de desejos
fecha todas esquinas em meus dedos
ela é plural no encanto da dor

(Sobre o autor: Augusto Píndaro de Neruda,
Johniere Alves Ribeiro é professor de Literatura Brasileira, Poeta e Campinense.)

NO PASSO DO TEMPO

No passo do tempo,
Passa a vida.
No passo da vida,
Passam as pessoas.
No passo das pessoas,
Passam os momentos,
Levados pelo vento.

E nesse curto tempo que temos
Crescemos, falamos, agimos, amadurecemos.
Porém, o amor às vezes deixamos de lado,
Esquecemos que a vida passa,
E nós passamos no passo da vida.

Esquecemos do amor,
Esquecemos de sorrir,
Esquecemos que um dia partiremos,
No passo da vida
Que passa no passo do tempo.

(Sobre o autor: Marcela França “A literatura desde pequena foi sempre presente, a partir dos livros que descobri novos mundos e oportunidades. No ensino médio descobri meu talento para escrita e desde então tornei como companhia as palavras, como refúgio e alegria. É nos poemas que amo, choro e transbordo de todos sentimentos humanos. Exponho minhas obras em redes sociais, através disso conheci pessoas e mesmo que composto por poucas pessoas abrangi públicos de várias idades e contextos que se identificaram com alguns de meus poemas.”

TRANSMUTAÇÃO EVOCATIVA

À Lugones.

Quando
uma
Mu-lher
se cala,...
por “providência”
ou fatalidade
da existência,
é um novo
cha-ma-men-to.
O universo faz
uma nova
Con-vo-ca-ção...
O grande círculo
é (re)feito
em volta de
uma nova
fogueira que,
oportunamente,
se (re)acende(rá)
em algum lugar
do u-ni-ver-so.
E após a dança,
à grande
Deusa-Mãe,
em um grito
u-nís-so-no,
reconstitui-se
novas vozes
a partir daquela
que se fez
Partícula Universal
e multiplicou-se...
Isso acontece porque,
Voz de Mulher,
é

Con-vo-ca-ção
Ancestral,...
É Trans-mu-ta-ção
Evocativa:
E a carne se fez V-o-z
“e habitou entre nós”,...
E a voz fez-se
His-tó-ria
e viverá
em
Nós!

(Sobre o autor: Edy Justino, é Professora e Poetisa, escreve sobre Empoderamento e Subjetividade Feminina, tem participação em 12 Antologias, Coletâneas, E-books,... Recanto das Letras e Redes Sociais. Divulga a Literatura de Mulheres em seu Podcast “Vibe Literária (Lendo Poesia Feminina)”. Membro das academias (AIML e AILB).

TRANÇA DE LEMBRANÇAS

Eu vim de uma lembrança que não é sua
Que nasce nos parentes mais distantes
Sou feito de tudo aquilo que veio antes
Da saudade que nasce na solidão da rua

Minha carne é uma trança de lembranças
Pois eu venho de tempos tão antigos
De antigas eras. De velhos amigos
Do mais longe que a lembrança alcança

Vi chegar os primeiros navegantes
Desbravei as matas e segui os rios
Vi índios, vi cangaceiros e vi volantes

Vaqueiros valentes e grandes navios
Rezei com padres, beatos e retirantes
Do candeeiro da história eu sou o pavio

(Sobre o autor: Emmanuel Conserva de Arruda, nascido em Princesa Isabel. Historiador, fotógrafo amador e poeta nas horas vagas. Usa as redes sociais para divulgar seu trabalho fotográfico e poético. É membro da Academia Princesense de Letras e Artes, onde tem aprendido e ajudado outras pessoas a escrever.)

TROVADORA ENCANTADA

Uma vida em conto,
Em canto,
Encanto,
Em dança,
Em verso.

No arranco do grito,
Da cantoria de viola ancestral
Na voz-memória do bisavô Hugolino
Uma feira de sonhos,
De histórias,
De andanças pelo sertão,
De gloriosos cavaleiros,
Príncipes, guerreiros,
Vaqueiros e cangaceiros.

Professora de sonhos
No palco da existência.
Viajante nas asas do Pássaro Real
Em busca do ovo de ouro,
Do doce encantado
Que dá sabor à vida.

Contadora de histórias
Que transformou Maria Roupas de Palha
Na Cinderela encantada,
Que permite às meninas do sertão
O acalento do sonho,
A esperança que alimenta,
A busca pelo pássaro encantado,
Pelo encontro com o príncipe
No Reino da Felicidade,
De Vale Verde como o sertão chovido.

Artista que conduz
Ao País de São Saruê,
Ao reino da festa,

Da alegria,
Da paz e da fatura.

Vida, voz,
Letras e luz.
Lourdes Ramalho,
Lourdes na Ribalta
Do palco eterno
Da memória mágica.

(Sobre o autor: **Ciro Leandro Costa da Fonsêca**, poeta, pesquisador da cultura popular nordestina e biógrafo de artistas populares. Estudioso da cultura popular nordestina e das histórias de vida dos mestres de cultura. Poeta e escritor de literatura infantojuvenil.)

UMA ODISSEIA HOMÉRICA, QUE TRANSFORMARÁ MITOLOGIA EM DIA A DIA

Homenagem à mulher

A mulher antigamente
foi vítima de preconceitos,
mas provou capacidade,
mostrando com seus feitos,
numa luta incansável
para defender seus direitos.

A mulher foi no passado,
cabonde descriminada,
mas não cansou de lutar
nessa grande caminhada,
provando para os machistas
que ela é capacitada.

Hoje tem mulher juíza
enfermeira, professora,
política e compositora.
Tem mulher sendo cantora,
tem mulher advogada,
tem mulher que é promotora.

Tem mulher escritora
da região nordestina,
lembro-me da Marília Arnaud,
que teve força divina,
viveu em João Pessoa,
mas foi nascida em Campina.

Quando ainda adolescente
começou a escrever
crônicas para os jornais,
na história a gente vê,
mostrando assim que a mulher
de tudo pode fazer.

Avir também Lourdes Ramalho,
que foi outra mulher forte
na sua vida de escritora,
gerou fama e teve sorte,
foi o nome que deu orgulho
ao Rio Grande do Norte.

Sua mãe foi professora
seu bisavô foi violeiro,
e ela foi dramaturga,
vista pelo mundo inteiro,
um nome que deu entorno
ao nordeste brasileiro.

E a luta da mulher,
a cada momento cresce,
pois, quando a gente trabalha
alguma coisa acontece,
um dia a mulher alcança
o lugar que ela merece.

(Sobre o autor: Bruno Jallon “Pode-se até chamar de ideia efêmera, quiça, por ser a primeira publicação, mas meu escopo traduz-se em dilapidar as fronteiras da minha mente.”)

UMA VALSA PERDIDA

Meu querido amigo, ainda consigo ouvir tua voz quando rego
as plantas do jardim,
Consigo sentir tua presença quando passeio por seus lugares
preferidos,
De tanta saudade tua, comecei a praticar música no teu ban-
dolim,
De alguma forma isso me aproxima do teu toque, da tua voz,
de você.

Você sumiu das avenidas, das ruas, da minha vida,
Desapareceu dos bares que tanto gostava de ir,
E apesar de estar ciente que você não está aqui, te sinto a
todo momento,
Mas, eu sei que isso não passa de delírios da minha mente,
Que tentam a todo momento me salvar desse abismo em que
você me deixou,
Quando me abandonou.

Lembro-me de quando dançávamos valsa,
Dos seus resmungos sobre o sapato apertado,
Hoje esse momento que por mim era tão querido,
Se perdeu,
As lembranças tuas estão cada vez mais difíceis de
encontrar.

E, agora, nossa dança não existe mais, você some cada dia
mais das minhas memórias,
Tenho medo de parar de pensar em ti, tenho medo de me
tornar solitária,
Medo desse futuro onde não tenho você,
Possuo total consciência de que me tornei alheia,
De tudo e de todos, exceto de você.

E, mesmo sabendo que não irá voltar para mim,
Desejo que tenha encontrado sua felicidade a que tanto alme-
java,
Espero que tenha realizado seus desejos dos quais não tinha

tinha conhecimento,
Guardarei comigo tuas fotos, para assim sempre te ter,
Espero te encontrar do outro lado, para assim contigo,
Dançar nossa valsa, que por mim um dia, se perdeu.

(Sobre o autor: Lina “Gosto de escrever sobre emoções reais, meus textos geralmente falam sobre sentimentos, sensações, e experiências. Já escrevi outros textos, mas este é o primeiro a ser publicado.”)

Cordéis

A LUTA QUE FAZ HISTÓRIA

O Estatuto assegura
Que todos possam viver
Livres, participativos
Criar espaços, crescer
Dentro da comunidade
Ser dono de sua verdade
Alçar voos e ascender.

Que por ter deficiência
Ninguém é inferior
Discriminação é crime
A mesma Lei aprovou
Passível de punição
Três anos de reclusão
Para quem a praticou.

Ainda tem o preconceito
Que às vezes dissimulado
Em forma de proteção
Este já enraizado
Em várias sociedades
Que ao negar habilidades
Cria o marginalizado

Capacitismo destrói
O desejo de vencer
A crença no ser capaz
Do ser se desenvolver
Destrói sonhos, causa dor
Limita o viço da flor
Fazendo o galho pender

Pessoa com deficiência
É esse o termo adequado
Garantido pela ONU
Embora nem sempre usado
Por quem se vê no direito
De cultivar preconceito
Em um mundo globalizado.

Setembro, dois mil e vinte,
Vinte e cinco foi o dia
De instituir-se a Lei
Que integrou com maestria
O anuário oficial
E fez-se Municipal
A luta que existia.

Semana Municipal
De luta por igualdade,
Respeito, superação
Viver com dignidade
Vem tornar protagonista
E incentivar a conquista
Em meio à sociedade.

O poder Executivo
Ao pensar na inclusão
Dos que com deficiência
Habitam esse torrão
Tornou Lei essa Semana
De um sentimento que emana
Do fundo do coração.

Acerca da inclusão
Palestras são proferidas
Jogos, desfiles, gincanas,
Muitas expressões sentidas
Do artístico ao cultural
Descobrir potencial
Enobrecer nossas vidas.

Em dois mil e vinte e um
Apesar da Pandemia
Que insiste em permanecer
Transformando o dia a dia
Embarcamos com coragem
Nessa sublime viagem
Que eleva a cidadania.

Já começamos bem cedo
Tomando um belo café
Com o chefe do Executivo
E o esplendoroso tripé
Formado pela Assistência
A saúde que é decência
E a Educação que é fé.

Portanto fica o convite
A você que nos escuta
Unamos as nossas mãos
Em prol de tão nobre luta
Que vem fazendo história
E um dia será memória
De verdade absoluta.

(Sobre o autor: Gorete Lira, professora e poetisa, possui publicação de poemas, contos, crônicas e cordéis em algumas antologias literárias; participação em E-Books; produção individual de diversos folhetos de cordel, com destaque para o “Minador”, classificado no Concurso Hermano José, em 2021. É membra da Academia Internacional de Literatura e Artes Poetas Além do Tempo, ocupando a cadeira 65.)

NORDESTINO NOVAMENTE

Venho falar do meu nordeste
Desse povo batalhador,
Que cada um tem seu valor
Seja grã fino, cabra da peste.
Seja lá de onde for
Eu reforço esse clamor
Abrindo a minha mente,
Eu garanto a vocês
Que nasceria outra vez
Nordestino Novamente.

Um povo que não esmorece
Procura sempre vencer,
Fazendo do sofrimento
Uma maneira de aprender.
Coragem é nosso hino
De entender que o destino
É sempre seguir em frente.
Eu garanto a vocês
Que nasceria outra vez
Nordestino Novamente.

O pôr do sol ao entardecer
A vista lá da janela,
Um pé de seriguela
Dançar até o suor descer.
Pega-pega no terreiro
Um barrão lá no chiqueiro
Cordel, cantoria e repente.
Eu garanto a vocês
Que nasceria outra vez
Nordestino Novamente.

Manga, goiaba, acerola
Aquele cafézim coado
Toicim de porco torrado
Numa velha caçarola.

Banho de chuva na biqueira
Arapuca, baladeira
Conversar frente a frente.
Eu garanto a vocês
Que nasceria outra vez
Nordestino Novamente.

Sou nordeste, sou sertão
Sou cuscuz e rapadura
Sou alegria e cultura
Sou a enxada no chão.
Sou vida difícil e dura
Sou o que faz meu coração
Sou igual e diferente.
Sou, e garanto a vocês
Que nasceria outra vez
Nordestino Novamente.

Do meu sotaque arrastado
Do meu jeito de ser,
E aqui poder nascer
É ser privilegiado.
Sou nordeste e assim eu vou
Tenho orgulho de quem sou,
E não nego o meu OXENTE.
Eu garanto a vocês
Que nasceria outra vez
Nordestino Novamente.

(Sobre o autor: Isaque Carolino “Costumo escrever poemas voltados a literatura de cordel, tenho uma obra publicada na VII Mostra de Poesias organizada pela CCBNB - Sousa e participei de várias edições do concurso literário LERARTE da cidade de Cajazeiras.”)

O ARMADO DESALMADO

Diga, cidadão de bem
Apresente os argumentos
Prometo tudo escutar
Com ouvidos bem atentos
Justifique e fundamente
Como surge nessa mente
A paixão por armamentos

Escute bem, comunista,
Pacifista é petralha,
Exerço sim meu direito
De atirar em um canalha
Defendo a propriedade
Na fazenda e na cidade
Deito logo na mortalha!

Moço, entendo a razão
Exalando valentia
O senhor quer explicar
Com fálca covardia
Ai do cabra se atrever
Vai excelência: “Volver!”
Funeral no mesmo dia!

O mundo não é dos mansos
Vence o forte cidadão
Esses Direitos Humanos
Só protegem o ladrão
Com meu esforço e trabalho
Muito mais eu sei que valho
Passo fogo com razão

Parece até racional
Superficial, de fato,
Já que compete ao Estado
Assegurar o aparato
O dever de proteger

Não cabe ao povo eleger
Quem é gato ou morre rato

*Todo mundo quer moleza
Bandidagem arretada
Eu me cuido nessa guerra
Contra gente acostumada
Tudo culpa de petista
Cotista preto e artista
Eita, racinha encostada!*

Você inventa inimigos
Só fala em deus e justiça
Porém prega violência
Patrimônio e cobiça
Ter direito de matar
Sem conversa fuzilar
Com essa ética mortíça!

*Ninguém mexe no que é meu
Nem aceito desaforo
Deus fiel está comigo
Meu herói é Sérgio Moro
Bolsonaro, o capitão
Dou cacete no ladrão
“Mito, Mito!” É meu coro!!*

Você fala no direito
Como muitos valentões
Mas a verdade não veem
São de fato pobretões
E fantoches belicistas
De barões armamentistas
Que faturam seus bilhões

*Claro que não é barato
Adquirir uma pistola
Um revólver trinta e oito
Não se compra com esmola*

*E nem serve pra medroso
Sei que vai ficar nervoso
Rebolando igual bichola*

Demorou a aparecer
Sua feia apelação
Defender arma de fogo
Como coisa de machão
É do chumbo e valentia
Praticar homofobia
Covardia de pimpão!!

*Vai dizer que tô mentindo?
É verdade e vou provar
Quando aperta algum sufoco
Vocês querem se abraçar
Minha gente vai pra guerra
E vocês da nossa terra
Nunca querem se arriscar!*

Já entendi a sua lógica
De soldado americano
Quer um rifle na parede
Feito bravo veterano
Ou vai pensando que é rico
Mas montado num jericó
É um latino americano

*Eu quero e posso comprar
Tenho crédito na praça
Mesmo sendo parcelado
Treino tiro e vou à caça
Bang bang bom tá liberado
O Brasil abençoado
Dou cabo da sua raça!*

É fraca a filosofia
Quer armas na sua mão
Pra brincar de caçador

E atirar na direção
De gente mais pigmentada
Que morre, é executada
Pela branca guarnição

A última estrofe é minha
Pois chega de tiroteio
Você acha isso bonito
Mas eu acho muito feio
A violência vai crescer
Muitos mais irão morrer
Nesse bélico recreio.

(Sobre o autor: Fabiano Gumier Costa “Sou escritor independente e escrevo desde a adolescência, com um apreço especial pela poesia, mas também me aventuro na prosa. Gosto de textos reflexivos e críticos, além de experimentar estilos de composição variados. Esses trabalhos podem ser encontrados no meu site pessoal: www.gumier.com.br”)

O TRANSCENDENTE

Quero descobrir nos versos,
Como pode ser chamado,
O homem de um universo
Quente e seco e ensolarado.

Que renasce das cinzas,
Da broca a queimar,
Tornando-se balizas
Possantes a marcar.

Os meses e os anos,
Que a chuva não vem.
Não desiste dos planos,
Nem da fé que ele tem.

Quando a coivara queimou,
A metamorfose se deu,
Do ferro que a enxada soltou,
Sua pele absorveu.

A casca virou escudo,
Resistente ao calor,
Mas, sua alma, contudo,
Valida por sua terra o amor.

Sua lágrima com sal,
O sol forte queimou,
Quando caiu foi cristal,
Os cacos no chão ficou.

Junto aos cacos que eram lama,
De cacimba que secou.
Dobra os joelhos e clama,
Ao seu Deus e Redentor.

Que aumenta a confiança,
O que concerne a oração.

Atribui mais a esperança,
E outra transmutação.

Logo as células vegetais,
Te doaram celulose,
E o instinto dos animais,
Para a nova metamorfose.

Com o impulso da fome,
Te sobra coragem.
É SERTANEJO! É o nome!
Mutante manso, valente e selvagem!

(Sobre o autor: Nilda Cordeiro “Sou poetisa, geralmente escrevo cordel e poemas. Essa foi minha primeira obra publicada, embora tenha uma vasta experiência em produções dos gêneros acima citados, em âmbito escolar.”)

Contos

ACROFOBIA

Anteu Ramos da Rocha nunca teve medo de altura. Na verdade, tinha paixão por ela. Subir ao máximo possível, desafiar o vento, a poderosa gravidade, o limite dos nervos. Já havia escalado montanhas para contemplar o pôr-do-sol, subido em torres de telefonia na espera da alvorada, driblado guardas para alcançar o topo de monumentos e conseguir capturar o melhor motivo fotográfico. Não existiam obstáculos que o desencorajasse a estar mais perto das nuvens e de seus devaneios. A segurança não era um critério a ser levado em consideração. Pra quê? “Com emoção é mais gostoso”.

Mesmo que não conseguisse amigos, com tempo, coragem ou loucura, para segui-lo no seu ímpeto, Anteu não desistia de atingir o alto. Sua própria companhia lhe bastava, podia quase voar. Seu problema começou exatamente neste “quase”. Apenas escalar não o satisfazia mais, usar pernas e braços não era suficiente, desejava bater asas, um Ícaro em orgasmo aéreo. Observar o sol que girava ao seu redor, perdeu a graça. Olhar para baixo e ter a certeza de que todos, para vê-lo, precisavam elevar os olhos, deixou de despertar interesse. Sentia-se pequeno, menor que os urubus do céu, que se alimentam do podre, mas planam no azul arrotando filé-mignon. Invejava os sinuosos morcegos, as moscas sem preconceito, os cínicos carcarás...

Com o passar do tempo e o aumento da infelicidade, deixou em páginas viradas suas aventuras. Porém, morando num grande centro urbano, era impossível fugir da altura. Apesar de que estar no alto não o alegrasse como outrora, ao olhar por uma janela, parar numa varanda, sentia uma vontade imensa de pular, na esperança de que asas brotassem de suas costas. Isto o encantava e amedrontava. Contudo, não saltava.

Católico, sempre ia à igreja, geralmente sozinho, em horários em que mais ninguém estivesse no templo. Não gostava da missa, ritual demais, mas frequentava, por imposição da esposa, quase todo domingo. Em suas orações clamava a Deus que o libertasse do chão. Brigava com o Todo poderoso de forma tão veemente e teatral que se alguém o visse, julgaria que se tratava de um louco em desvario. Suplicava que lhe fosse concedido o dom do voo. Jamais pedia qualquer coisa para outras pessoas,

cada um deles já tinha seus anseios: comida, dinheiro, sexo, sangue. Ele queria somente ser alado. Trocaria as pernas por penas.

Tarde de terça-feira, igreja de Nossa Senhora da Anunciação. Orou com fé, lubrificou os olhos com esperança. Subiu a escadaria da torre sineira, 171 degraus. Sem qualquer cerimônia realizou um sonho de infância: badalou o sino com força, quase violência. O tinir se misturava à sua gargalhada circense e aos gritos insanos de prazer. Curiosos, sem entender o que acontecia, se juntaram no largo da igreja. O padre veio em flecha da casa paroquial, cerca de cem metros ou dois passos. Ao chegar à pequena praça encontrou pessoas com queixos ao chão e olhos para cima. Com receio do que veria, ergueu a cabeça em câmera lenta. Em pé na janela do campanário, com a corda do sino entre as mãos, um homem magro, barba cheia, gravata vermelha e camisa azul com mangas dobradas na altura do cotovelo, hipnotizado.

Um menino gritou “pula”, a jovem ruiva rezava o terço, um senhor de bengala procurava alguém para apostar “cem reais como não se joga”, a moradora de rua bradou “Jesus te ama” e o artista do semáforo ficou com ciúme.

O sacerdote entrou no templo e subiu apressado as escadas. Acrofóbico, venceu a si mesmo e ficou ao lado do suicida.

- O que faz aqui, meu filho?

- Vou voar padre! Já pedi a Deus. O melhor lugar para ser atendido é aqui.

- Entre comigo. Homens não voam!

Anteu encarou o padre com singeleza e afeto, olhou a pequena multidão, plateia, acenou para eles, encerrou o toque do sino, sorriu infantil e perguntou:

- O senhor tem fé?

- Claro, meu filho. Deus é bom!

- Que Ele o ajude! - Disse ao empurrar o vigário.

Segundos eternos de queda. Viu o religioso se espatifar na tifar na calçada de mosaicos que formavam imagens de santos martirizados. Anteu sentou, contemplou sangue e lágrimas lá embaixo, entre anjos pensou: “homens não voam!”

(Sobre o autor: Júlio César Rolim é sertanejo de São José de Piranhas, advogado, jornalista, escritor, ator de teatro e servidor do IFPB - Campina Grande. Publica contos e crônicas no blog: osescritorstortos.blogspot.com)

A ÚLTIMA IMAGEM

A última imagem que ficou gravada na retina dele foi da claridade da manhã que entrava pela parede de vidro esverdeado e atravessava as delicadas cortinas, na ampla sala da diretoria que ele comandava.

A morte veio e o carregou feito um pacote, como dizia uma velha música. Uma dor forte e repentina no braço foi subindo para o lado do peito e seu corpo deslizou da cadeira confortável para o tapete macio. Talvez até suave, comparando com a forma trágica como ela surgia para tantos por aí, como chegou para tantos seres no dia do rompimento da barragem de rejeitos da mineradora. Mas ele já não precisava pensar nisso; já atravessou o Hades, as contas foram anuladas. Com a morte, ficou quite com a vida.

Certa vez, ele assistiu a um filme em que as personagens não compreendiam que haviam morrido; a ficha não caía e tentavam seguir a vida normalmente na mansão onde moravam. Mas ele não, logo compreendeu tudo; sempre foi um sujeito perspicaz. Só não achava justo ter sido levado assim, no auge da existência! Sucesso extraordinário na carreira, comandando um mundo de poder e riqueza. Vida de conforto, casamento feliz, filhos realizados, serviços à disposição todo o tempo. Cinquenta e oito anos, uma vida pela frente...foi muita sacanagem!

Não havia a obrigação de permanecer ali no cemitério onde enterraram seu corpo; ele podia flutuar por aí, voltar à casa no luxuoso condomínio onde morava. Podia vagar pelos corredores da empresa, ir a qualquer lugar, mas não sentia nenhuma vontade de sair. Havia muitos vizinhos, não se sentia só. E havia as placas das sepulturas; era uma distração ficar a ler as placas. Placas simples, todas do mesmo tamanho, em pedra ardósia; pequenas, apenas o suficiente para a inscrição do nome e das datas.

Então, afinal ele vai ter que conviver em uma sociedade igualitária. Que chatice! Sepulturas idênticas. Umas antigas, de mais de cem anos, outras muito recentes; algumas com curto espaço de tempo entre a estrela e a cruz, último berço de uma criancinha. Às vezes os vivos que chegam para visitar se confundem, vagam procurando entre tantas placas aquela que indica

a moradia que desejam visitar.

É estranho que, enquanto vivo, os dias eram tão parecidos, como se fossem trilhos de uma estrada de ferro, mas agora, é impressionante como minúsculos detalhes do cotidiano lhe vêm à memória! O cheiro de café, partículas de poeira e pólen se elevando no ar; a claridade do sol, os sons, as vozes; até a grama do jardim crescendo sob o orvalho de um mês frio! Parece que ele viveu desde o início dos tempos do mundo, tantas as lembranças que desfilam em sua frente, tantas e diversas coisas que ele nunca havia se dado ao trabalho de reparar.

De repente se lembra: pouco antes do rompimento da barragem, por várias noites antes, uma coruja ficou gritando nas redondezas, incessantemente. Talvez tentasse avisar da tragédia que se aproximava. Ingênua coruja...

Fugia o tempo. E fulgia a lua, diferente daquela de antes; uma lua imensa, parada no meio do céu sem nuvens.

Certa madrugada, ele estava sentado no meio-fio recentemente caiado de branco, quando avistou um vulto que vinha subindo lentamente a alameda arborizada. Era uma jovem pálida, em um vestido de noiva esfarrapado. Vinha descalça; seus pés magros a cada passo surgiam sob o vestido. Parou perto dele, com um olhar distante. Ele a convidou a se sentar.

Depois de um tempo, contemplando em silêncio a lua, ela contou uma história sem dizer que era a sua própria história de vida, ou de morte:

— No sopé de uma grande montanha, havia um sítio; um tesouro preservado por gerações. Um casarão colonial, ladeado por altas palmeiras. Ao fundo, um riacho de águas frescas cantava entre pedras; águas que mais à frente encontrariam o grande rio, para formarem um só corpo fluido.

Atravessando o riacho, uma pontezinha de madeira conduzia a um grande jardim gramado, que naquele dia fora decorado com romantismo e luxo; ali, entre violinos, rosas, taças de cristal, elegantes convidados e serviçais, se ouviria o “sim” dos noivos.

Porém (num dia de casamento não deveria caber essa palavra...). Mas, lá pra cima, o ventre da grande montanha

abrigava uma barragem de rejeitos de mineração. Aquela gigantesca barragem continha o pus que escorria das feridas da terra; feridas fundas, provocadas por estranhas máquinas que devoravam a carne da montanha. E em sua base, uma fissura se abria.

De repente, não mais que de repente, houve o inferno na terra. Os risos da festa deram lugar a lancinantes gritos de pavor. A família, o amor, os amigos. Todos, desaparecidos sob o inferno de lama tóxica. O novo, que o ventre da noiva gerava, arrancado. Ficou apenas aquela que não deveria ficar...

Depois desse dia trágico, quem passasse pelo que restou do lugar podia avistar, às margens do rio - margens que um dia foram exuberantes, ladeadas por árvores onde pássaros faziam ninhos - a noiva, sentada, sozinha. O vestido bordado de sangue e lama era a sua nova morada. Tiravam-na de lá, mas ela sempre voltava, cantando baixinho:

— Será que um rio assim chagado consegue ir morrer nos braços do mar? Será que uma alma destrozada prossegue além das fronteiras da dor? Vou te entregar meu corpo, rio, tu me levarás até o meu amor? Então direi “Sim” a ele e enfim descansaremos num leito cristalino de sonhos...

Essa era a história da noiva triste.

Ele encontrou muitos outros que morreram naquele rompimento, pôde ouvir suas histórias. Trabalhadores da companhia, moradores dos povoados, turistas que passeavam pela paisagem de belas cachoeiras e montanhas; ninguém o julgava; provavelmente não imaginavam quem era ele, ou, provavelmente, já não julgavam quem quer que fosse.

Afinal, foi tudo por um gráfico. O Gráfico. Se quisesse chegar àquele momento de entrar na luxuosa sala de reunião, apertar mãos macias e respeitáveis (soube depois que um vírus mortal pôs fim a esse hábito de apertar mãos, de abraçar, até mesmo de falar de perto, mas nada lhe causa estranheza agora); se quisesse orgulhosamente apresentar os resultados, o Gráfico subindo, cada vez mais poderoso e promissor, tinha que ser duro, tinha que ser frio. Sempre.

É que no caminho do Gráfico havia vidas. Corpos d'água, árvores, bichos. Havia histórias, igrejas centenárias, casas e quintais, havia gente. Então era preciso fechar os olhos, tapar os ouvidos, abafar os gritos; passar por cima. Então, projeções

de expansão, mãos se esfregando, sorrisos cúpidos, olhos vorazes antevendo lucros astronômicos, o Gráfico. Viver era assim.

“Acordou” uma noite assustado. Visões enigmáticas o cercavam. Não tinham forma definida, eram sombras, flutuando etéreas em volta dele, como se estivessem num mundo paralelo. Ficou quieto e esperou que fossem embora; mas não foram. Não o ameaçavam, mas a presença daquilo o atormentava. Perguntou o que queriam dele, mas não respondiam; permaneciam flutuando em volta, olhando para ele com expressões de profundíssima amargura.

Já estavam demorando demais, aqueles vultos, aquela atmosfera assustadora. Ele só queria paz, sentia-se cansado. Um dia, os vultos falaram, num coro de vozes, uma cantilena arrastada e estranha, mais ou menos como algo assim:

“Somos as sombras de lá, de onde tudo o que se quisesse, se podia ter. Dominamos o mundo e conhecemos um futuro inimaginável! E o que nós fomos: o portfólio da cobiça. Máquinas impiedosas estraçalhando o corpo da Terra para vender suas carnes:— Dinamites! Perfuratrizes! Britadores!

Sem pensar na finitude de tudo, gritamos pela boca do supremo deus Cifra:— Stock Exchange. Compra! Vende! Negociado!

A nosso serviço trabalhava o hipnótico deus Marketing: — Compre já! O último modelo de felicidade!

E assim passamos o nosso tempo de existência debaixo do sol. Para satisfazer desejos insaciáveis, subjugamos terras e águas. Comandávamos o mundo com um toque dos dedos. E onde havia imponentes montanhas, deixamos abismos. E onde havia uma vida, enxergávamos lucro. Dinheiro, ego, poder! Poder que entra pelos olhos, se entranha nas veias e vai inflamando a alma.

Mas há muito ficou-nos a carne no pó.

E atravessamos as eras; vencido, o futuro não conecta sentido que desvaneça o tédio eterno, a sede eterna. E nem sequer podemos pedir que alguém que alcançou o outro lado molhe a ponta de um dedo naquele cristalino riacho que lá corre perene, para nos aliviar a língua. Tristes sombras hediondas

viajando pela multidão dos séculos; resta-nos apenas implorar em mudos lamentos, em uma única súplica: volver um dia à quietude final da inexistência...”.

Ao contrário do que ele pensava e implorava, as perturbadoras visões não foram embora. Ficaram. Passou o tempo, não sabia dizer quanto: dias, décadas, talvez séculos. O tempo corre diferente agora. Não interessa mais a exportação das commodities, nem o portfólio de investimentos. Não existem mais; não há mais governos, nem países. Nunca mais o jantar com a família, as baladas com amantes. Nunca mais o Gráfico.

Aos poucos ele vai se acostumando com os vultos, com seus lamentos; aos poucos vai se incorporando às sombras.

Tempus fugity

E assim como as lembranças do tempo em que passou sob o sol, vão se apagando as histórias de vida e de morte. Ele já não se distrairá a ler as inscrições das placas dos jazigos, a observar os vivos visitantes. Não se lembrará dos vizinhos de sepultura, nem do canto da noiva triste. Não verá mais a claridade da lua enorme, parada no céu sem nuvens - a última imagem.

(Sobre o autor: Nilzinha Menezes dos Santos “A minha escrita é, antes de tudo, um grito de alerta para como estamos nos relacionando com nossa mãe comum — a Terra. Depois dos cinquenta comecei a escrever, e tenho tido a honra de ter textos premiados e selecionados para antologias.”)

CAFÉ, SABOR E ESQUECIMENTO

Estavam precisando de mais café. Correu então, devido à hora já avançada - eram dez da manhã. Esbaforida, abriu a porta da sala e adentrou naquele espaço de penumbras e silêncios. Nem sombra do que nos dias usuais ali se tem, gente pra lá, gente pra cá - pensou consigo. O lugar fechado, abafado, morno. — Onde estava o pacote de café? Onde estava, onde estava mesmo?... Foi abrindo os armários daquela sala, um a um. De repente, num deles achou o pote com café - ficou por um instante de segundos admirando o marrom daquela cor aprisionada. — Como não me lembrei de que era aqui o seu lugar? - questionou-se. E por mais um momento, para acreditar piamente, disse a si: — não, não tinha como esquecer facilmente que era aqui que se guardava o café - reclamou. Aqui sempre foi o lugar do café... ainda respirava ofegante. Não era mesmo?

De repente, fez um olhar de espanto ao entorno que lhe cercava: num giro completo sobre si, absolveu todo o espaço em seus limites, das entrâncias às reentrâncias, dos pilares ao teto, sombras e luzes opacas, o lugar das lâmpadas (desligadas). Parou em si, num arroubo de susto - só não se esqueceu do lugar onde ficava a água porque ela estava ali à vista, bem no centro da sala — concluiu. O mesmo com a máquina de fazer café, posta ao lado. Achou em si um estranho sentimento a respeito daquele breve esquecimento. Julgou melhor sentar-se um pouco. Depois de instantes vagos, questionou-se: o que tinha mesmo ido fazer ali? — Ah, café! Tinha ido ali encher uma garrafa de café bem quente. Sim, o café.

Antes de se levantar, sem acreditar como podia ter esquecido, mesmo que momentaneamente do que tinha ido fazer ali, se só tinha ido àquela sala fazer aquilo?! — Desacreditou. Determinou a si um momento de reflexão, coisa incomum no seu dia a dia corrido, queria refazer o passo a passo mental de se fazer um bom café, que tinham lhe ensinado recentemente: primeiro põe a água... não, vai primeiro o pó do café. E o filtro? Primeiro põe o filtro e depois a água quente — antes, o pó do café, sua tonta! — Ai, Deus dos céus celestiais! Definitivamente embaralhara na memória a sequência simples de se fazer um café. Mas como com algo assim tão simples?

Ela levou a mão aos olhos. O que lhe estava acontecendo?

Um branco, vacilou diante daquele branco de lembranças fáceis, o esquecimento era uma nuvem densa que se formara ante a si, perante os olhos. Fez esforço para se levantar, e conseguiu, obviamente, embora as mãos tremendo — o ato de mover-se é um rabisco básico de sobrevivência, talvez instinto, e por isso preservado que é da ação do tempo nas memórias. De algum modo seguiu: foi à sequência de se fazer um bom café mais pelo achar do que fundado em qualquer lembrança ou certeza — lembrança, certeza, palavras que àquela altura já lhe eram como irmãs, sinônimas. De um jeito qualquer, pôs tudo na cafeteira e acionou o botão vermelho. Luzinha acesa, pronto! Era agora só o que lhe restava, “vamos ao tempo da espera” — sentenciou.

Sentou-se novamente. Ensimesmada, guardava firme o primeiro pensamento ao entrar ali. Não via nada além de esperar a hora de derramar todo aquele líquido quente, fumegante, a quase transbordar a garrafa, todo ele e seu vapor aromático, e aprisioná-lo pela pressão de seus dedos sobre aquela tampa preta, ao rosqueá-la. Além disso, fugia-lhe, no entanto, a maior razão de estar ali: o esquecimento tomava conta de tudo o que porventura pudesse vir a se pôr diante do que se propunha a fazer naquela sala: sair dali com uma garrafa cheia de café. Foi então que observara a mesa à sua frente. Questionou se era aquele o lugar onde se sentava todas as manhãs. Levantou-se e foi em direção a ela. Parou por instantes com as mãos sobre aquele móvel, contornou-a, sentou-se na cadeira, apoiando na mesa os cotovelos. Olhou para diversos lugares, para a porta de entrada. Não, não lhe chegavam lembranças daquele lugar (como é possível isso?). Aquele não era um ponto do mundo do qual minhas lembranças se formam dia a dia — objetou. Mas, de alguma forma, numa espécie de incoerência aceita tacitamente, tinha certeza de que fora daquela mesa que foram formadas algumas lembranças as quais havia acabado de esquecer, naquele instante. Pôs-se então a pesar sentidos reais: qual das outras mesas seria então a sua, se não aquela na qual estava? Balançou a cabeça de olhos fechados — como é que não me chegam as lembranças deste lugar? Olhou para o fundo da sala e nenhuma lembrança veio mesmo. Como se fosse a primeira vez que havia entrado ali.

Mas, onde estava o desespero que não lhe invadira ainda?

Tudo era um claro dia de verão lá fora. Em algum lugar dessa história houve um fim e um começo de algo, certamente (assim pensou), mas não conseguia alcançar o limite, essa linha divisória. Estava absorta vendo o café gota a gota, pingo a pingo, enchendo aquela vasilha transparente, pondo-se à força numa espécie de transe de olhos abertos. Precisava rigorosamente esquecer de muita coisa vivida antes daquele momento. Depois de tudo esquecido, depois simplesmente abriria a porta daquele lugar conhecido ou desconhecido e descobriria do que era feito o mundo real do depois. O antes, ou mesmo o agora, aquele instante, eram partes de lembranças esquecidas, ou assim deveriam ser — determinou. O depois, sim, o depois seria o real, o que se teria a viver, dado que nada mais para trás daquele instante lhe eram coisas firmes, chão de terra. Sem saber, descobria que envelhecer era isso mesmo: afundar antigos e erguer novos mundos, destruir e reconstruir lugares para se poder suportar o fascínio da vida em cada retorno ao lugar de início.

Assim, era só fazer o que tinha: o ato de esperar. Hora em que houve uma suave sensação: a de observar as cores opacas de tudo naquela sala, que por sob a claridade surrada que atravessava as janelas escurecidas por películas cor cinza, eram o desenho de seu futuro (ou de seu passado). De repente assim, de sobressalto, sobreveio o desespero tão esperado, de saber ser quem não era mais. Sim, não havia mais nenhuma lembrança firme, supostamente sendo verdade o que jurava ser. Ela julgou que não era mais quem fora um dia. Ali, uma nova pessoa surgia para o mundo, dentro dela mesma, deixando cair a pele descamada, um envoltório em desuso solto naquela sala. Aceitou o poder da mudança que os espaços físicos e suas histórias exercem sobre os seres humanos.

Nisso, o café já se depositara por inteiro naquela chaleira de vidro. Um aroma de cor, era como ver o pó dos grãos aquecidos, grãos miúdos espalhados pelo ar. Então despejou o líquido fervilhante na garrafa térmica. A fumaça espalhara no ar sobre os seres humanos.

Nisso, o café já se depositara por inteiro naquela chaleira de vidro. Um aroma de cor, era como ver o pó dos grãos aquecidos, grãos miúdos espalhados pelo ar. Então despejou o líquido fervilhante na garrafa térmica. A fumaça espalhara no ar envolto o seu espectro acolhedor. Fechou a garrafa. Era hora de se dirigir

à porta. Respirou fundo. Pôs a mão na maçaneta. Hesitou. Voltou-se. Teve a ideia mais simples possível diante do óbvio: provaria do café — será que a lembrança do gosto era a mesma de sempre? O gosto do café estaria impregnado das lembranças que esquecera? Óbvio, o gosto do café já lhe era sabido — ao menos essa era uma certeza — mas possível é, que o gosto de agora já venha a se parecer outro, não? Possível sim, era sim, senti-lo no gosto um novo sabor na boca a partir daquele novo momento. Onde estariam as memórias daquele gosto? Eram memórias e, portanto, poderiam surgir através do gosto lembrado, devolvidas, assim como coisas ocultas estão quando se abre um local escuro e fechado.

Se de muita coisa esquecera, pôs-se a refletir, muita coisa nova passaria a existir, não? De ali, aquela então, como fosse guardada: uma lembrança do seu primeiro dia de trabalho. Dessa forma, assim também o gosto do café não seria refeito? Pôs no lábio o copo e sentiu a vibração do que é quente. Assustou-se com a força do calor que havia provado. Se de muita coisa esquecera — menos o cheiro e o gosto — o sabor do café ainda a comprovar que nem tudo sumira ou deveria sumir assim da memória. Tremeu inteira no lábio abrasado pelo café sugado da xícara. E assim, se nem todas as lembranças associadas a ele chegaram, ao menos a do aroma e do gosto permaneciam, e do calor, obviamente. E assim, não seria bem um começo, mas o descontinuar de algo.

Ciente do que consigo acordara após aquela experiência, tomou ar e foi decidida em direção à porta daquela sala. Mas, e se, ao sair, visse um outro homem pelo qual sentisse um forte desejo? Seria o mesmo desejo de sempre, ou sob uma nova forma viria a senti-lo? E se um beijo, e se na boca, fosse como o primeiro beijo ou mais um de tantos já dados... era a força bruta do tempo sobre si, novamente! Até o beijo se transmuta no sabor após passado por tantas vezes, por tantas ou nas mesmas bocas... Enfim, olhou a mão esquerda e notou o lugar vazio do anel, a marca branca deixada pelo sol e pelo tempo. Ah! Como uma ausência assim a fizera tanto mudar? As lágrimas já lhe caíam face à descoberta do verdadeiro sentido do esquecimento: é guardar algo tão escondido que não dói saber que essa coisa ainda existe!

Agora em mãos a maçaneta e a porta à frente. E se antiga

ou nova, a vida, não importava. Diria se pudesse: — vou abrir essa porta e, se em causa de algo novo ou velho, se da expectativa ou da consciência de um passado a ser esquecido, e se disso tudo fiz questão de esquecer, foi porque quis de querer por vontade própria e que... talvez a lembrança de tudo tenha lhe chegado num lapso de instante: a de querer ser o que ainda era. Estaria assim no zero das coisas, afinal. Era como algo tão estranho a si, que não se reconheceria mais diante da própria imagem refletida em todo e qualquer espelho do mundo?

- Pronta?

Sua voz soou estranha naquele espaço, pareceu não ser a pergunta certa ou mesmo o som da sua própria voz. Mas a porta, então, abriu. Uma luz clara inundou tudo. E tudo lá fora permanecia vida, aliás como sempre, essa a verdade mais pura: a vida é o que se pode tocar com as mãos.

(Sobre o autor: Jânsen Diniz é um escritor ainda explorando possibilidades que o tempo, a vida e o acaso concedem. Duas décadas de muito grafite no papel e dedos doloridos lhe renderam três contos publicados. Contudo, na gaveta, algumas dezenas de contos reunidos em dois ou três livros e um Romance, à espera de publicação.)

CETIM NEGRO

Entre tantos alunos da escola, Gladisleide se destacava. Não pela sua performance escolar, afinal era uma aluna normal. Não dava sustos no final do ano; nem ficava na turma que frequentava recuperações e provas finais e tampouco participava da turma que passava direto em todas as disciplinas cursadas.

O que despertava a atenção dos outros era a sua altivez e a sua presença. Tornava-se, por isso, mais bonita do que realmente era. E ela não era nenhuma deusa da beleza. Sua pele negra aparentava cetim. Era brilhosa e macia. Viçosa e tenra.

Mostrava alegria em seu olhar, porém não tinha inocência nele. Transpassava peraltice e soberba numa mistura pouco vista. Mas não era aquela postura arrogante e impertinente; antes era um doce desafio a quem a encarava. Tinha, entretanto, uma meiguice no sorriso que encantava a todos os que tinham o privilégio de recebê-lo. O contraste do sorriso com o olhar era o que ela tinha de mais perturbador.

Sabia aproveitar suas características com muita propriedade, dando mais realce a si mesma. Seus cabelos não eram tratados quimicamente. Nada de alisantes, hidratantes, colorantes, condicionantes ou chapinhas. Eram naturalmente crespos e, por isso, usados como eram. Com adereços e penteados para cabelos crespos. Orgulhava-se de sua cabeleira sempre graciosa, ora amarrada, ora solta. Causava inveja às mulheres de cabelos lisos e lambidos que mal seguravam um grampo. Cabelos até bonitos, mas imprestáveis para algo além de cobrir os ombros, se não usados com boas quantidades de fixadores.

E lá ia Leidinha pelos corredores da escola durante todo o curso. Cada vez mais bonita com o passar dos anos. E em breve seria minha aluna. Às vezes me atormentava o pensamento de tê-la em minha sala de aula. Leidinha era uma lady, e eu sabia que não estava preparado para ser seu professor. Seus movimentos me atraíam pela suavidade e sensualidade. Sua fala mansa e doce, aliada àquele olhar me instigava e eu sempre me instigava e eu sempre me perguntava se aquilo ela fazia com todo mundo; se era eu que estava interessado nela, ou se ela estava interessada em mim de verdade. Essa última possibilidade era a que eu mais queria acreditar. As mocinhas, nos seus poucos anos de adolescência, ficam admiradas e encantadas

com homens mais velhos e ocupantes de algumas funções como professor, coordenador, gerente e outras semelhantes.

E lá estava eu em rota de colisão com aquela negra da pele de cetim.

Havia dois anos eu assumira a coordenação pedagógica da Escola, o que me fazia ter contato com os alunos e, assim, tive oportunidade de interagir mais com ela, saber mais sobre ela e dos seus rendimentos acadêmicos mesmo antes dela ser minha aluna de matemática.

Ouvia histórias contadas na sala dos professores e pelos corredores, sobre sua fama de ser alvo de muitas paixões por parte de seus colegas e, até de comentários lúbricos e desrespeitosos feitos por alguns colegas meus de lousa. Zangava-me pelas insinuações feitas a ela e essa minha indignação me despertou para que eu descobrisse o meu desejo por ela. Eu estava com ciúmes.

Passei a vasculhar sua pasta estudantil para prever seu desempenho na minha matéria. Ela certamente teria problemas. Poucos passavam sem dar um pequeno tropeço em matemática. Matrizes, sistemas lineares, geometria, seno, coseno... Muitos alunos escapavam da reprovação pela tangente. Menos mal para eles. Mas, Leidinha me preocupava. Passei a temê-la tanto quanto desejá-la. Não sei qual dos dois sentimentos era o mais forte em mim, mas sabia que um alimentava o outro.

Então chegou o ano dela ser minha aluna. Logo no fim da primeira aula, quando a matéria foi apresentada, ela disse em alto e bom som com sua voz que parecia música aos meus ouvidos:

— Ah, professor, não estou entendendo essa matéria. Já vi que vou precisar de ajuda. Aquelas palavras foram como um tapa nos meus ouvidos que reverberaram por todo o meu corpo.

No decorrer do ano letivo, as situações em que o contato mais próximo acontecia foram se sucedendo e se tornando mais frequentes.

Não sei se era impressão minha ou simplesmente desejo, porém, sempre achava que Leidinha se insinuava um pouco para mim quando as aulas chegavam ao fim e ela precisava de algumas explicações sobre o assunto.

Até sua respiração era percebida por mim com alguma

alteração, que eu interpretava como ansiedade e desejo ao me ver. Eu, por meu lado, ficava ofegante; faltava-me o ar. Seu cheiro me evocava fantasias diversas, a ponto de não conseguir me conter e perguntar para ela o nome do perfume, alegando que precisava presentear alguém, pois eu não achava melhor escolha, do que aquele perfume.

Comprei um frasco de Lac en fleur e borrifava no meu lençol e travesseiro. Aquilo era o meu passaporte para um mundo de alegria e fantasia. Viagem um tanto frustrante. Afinal, eu desejava abraçar mais que espumas e algodão. Sonhava em me cobrir com aquele cetim negro da pele de Leidinha.

As notas em matemática, matéria que eu lecionava, não foram tão ruins quanto eu imaginei, mas a aluna que povoava meus pensamentos não deixava de me procurar para tirar dúvidas e sempre se mostrava real e insinuante nesses contatos.

Para não olhar aqueles olhos de olhar tão enigmático, nem para seus lábios escuros que emolduravam lindos dentes brancos, forcei-me a olhar somente para suas mãos em cima da mesa. Dedos longos, perfeitos, apontavam para as questões que causavam suas dúvidas. Aquelas mãos, contudo, me perturbavam, até mais que o olhar e o sorriso daquela negra. Passei a imaginar aquelas mãos em minhas mãos com gestos firmes e carinhosos tocando minha pele. Suas unhas pareciam ter sido feitas à mão pelo maior designer e artista gráfico do mercado. E eu procurava encostar minhas mãos nas dela. Naquelas joias da natureza, expostas tão perto de mim. Como quem nada quer, explicando o assunto, tocava aquela pele macia em rápidos e prazerosos momentos. Eram momentos nos quais eu perdia o rumo e ela percebia isso, porque eu não conseguia disfarçar o abalo que sentia. Nem queria. Parecia ela percebia isso, porque eu não conseguia disfarçar o abalo que sentia. Nemqueria. Parecia gostar de me instigar, como eu gostava de estar com ela nesses momentos.

Certo dia ela esperou que todos saíssem da mesa e, quando eu já ia me levantando, pediu para que eu esperasse mais um pouco. Levantou-se e caminhou em minha direção.

Tremi dos pés à cabeça ao ver aquela beleza andando e se aproximando de mim.

— Professor, quero te fazer um convite.

— Um convite, Leidinha?

— É. Para o meu casamento no final do ano...

Não escutei mais nada do que ela disse. Senti o mundo parar e minha vida cair num vácuo existencial.

Que raiva! Que inveja! Que desejo louco!

Acho que cometi todos os pecados possíveis e transgredi todos os mandamentos de todas as religiões naquele momento.

Casamento? Como pode aquela moça ser levada ao altar e à cama por outro que não eu mesmo? Meu coração palpitou mais forte. Senti o corpo todo gelar.

Não sei o que Leidinha pensou ou sentiu na situação.

Tornei à consciência alguns dias mais tarde no quarto de um hospital. Só voltei às aulas no outro ano.

Leidinha saía da escola após o casamento. Os corredores ficaram mais tristes, pelo menos para mim, que não a via mais por lá enchendo o ambiente com sua alegria e sensualidade.

Minha alegria, agora, era deitar na cama perfumada com *Lac en fleur*.

Com aquele perfume eu a sentia em mim, envolvido que estava em meus lençóis de cetim preto.

(Sobre o autor: Carlos Eduardo Dantas Cunha “Iniciei a escrita na adolescência com poemas e cartas aos amigos, mas sempre tentando desenvolver histórias. Para minha filha pequena comecei a escrever contos e não parei mais. Publiquei um livro físico e três e-books com contos e um romance policial.”)

DEIXA A VIDA ME LEVAR...

1984

Este foi um ano com muitas mudanças e surpresas.

Depois de um dia de trabalho, Ellen entrou no ônibus que fazia ponto final no bairro onde morava. Sentou-se perto da janela para se distrair. Um homem bonito, alto, com a barba bem cuidada, sentou-se ao lado dela e tentou puxar conversa. Ela deu pouca atenção, mas retribuiu o sorriso.

Quando desceu do ônibus deu um tchau rápido. No dia seguinte, chegando na varanda do seu apartamento, viu o mesmo rapaz passar dentro de um carro. Imaginou que ele morasse no mesmo bairro. O final de semana ocorreu normalmente.

Na semana seguinte, outra vez a cena se repetiu: ele pegou o mesmo ônibus e sentou-se ao seu lado. Ela ficou surpresa com a coincidência; ele começou a conversa como se fossem velhos amigos, afinal já se conheciam. Dessa vez, Ellen ficou mais simpática. Ele se apresentou:

- Muito prazer, meu nome é Mendes.

Quando chegou o momento de descer do ônibus, despediram-se, ela chegou a desejar que tivessem mais tempo pois a conversa estava interessante e, para a surpresa dela, ele também desceu e continuaram a conversar.

Foi aí que a história começou.

Depois ela ficou sabendo que ele vivia em outra cidade, longe do bairro dela.

Começaram um relacionamento sem cobranças, totalmente livres, sem problemas do dia a dia. Um pacto sem ser dito. Ellen iria se proteger para não passar outra vez pela experiência ruim que teve com o casamento que a levou ao divórcio, era o ideal e ela não precisava saber da vida dele, pois não a interessava. Ele sabia o necessário: o número de telefone, onde ela morava, onde trabalhava e onde estudava. Dele ela só sabia o nome da cidade onde ele morava, que era longe da casa dela, e que era divorciado e engenheiro civil. Isso era suficiente, ela não estava interessada no histórico dele.

O destino estava dando uma trégua para ela, enviando um homem com um lindo rosto, inteligente, engraçado, amoroso, romântico e com um sorriso maroto. Seria ele um príncipe?

Ou um sapo? Ela pensava.

Num belo dia, depois de alguns anos, eles estavam almoçando num restaurante do bairro, e então ele perguntou:

- Quando você irá me convidar para eu ir na sua casa?

- Quer ir agora? - Ellen, surpresa, perguntou sem se preocupar com a resposta dele.

E foi assim que ele conheceu a residência dela. E o filho dela, Pedrinho, ele já conhecia.

Os encontros eram cheios de surpresas: ele aparecia no final da tarde no trabalho ou na porta da sala de onde ela estudava. Era bom, e assim ela tinha tempo para se dedicar à família, ao estudo e ao trabalho no qual estava se realizando como professora.

Viviam bem: juntos e separados. Romperam algumas vezes. Mas ele deixava o tempo passar e voltava usando seu jeito maroto de ser.

O mais importante era passar momentos leves. Eram duas almas soltas, parecia que nada iria aborrecê-la quando estava com ele. Os encontros eram surpresas. Como uma tarde na praia, com a leveza do momento, terminavam o dia conversando e esperando o pôr do sol.

A conversa era agradabilíssima, o olho dele procurava o dela e ela curiosa perguntava:

- O quê? - Ele sem responder só a abraçava.

Nada era planejado por ela. Sem cobranças, os problemas dela eram só dela e isso a fazia sentir-se poderosa e ela se orgulhava desse poder.

Eram duas almas livres e ela pensava que estaria protegida de desilusões, visto que ainda traumatizada com a experiência do passado, e o importante era não deixar nada nem ninguém estragar os momentos. Deixava fluir o que a vida estava dando a ela, sem repetir os erros do passado.

Ellen teria muito a contar, mas resumiu um episódio muito especial: ela viajou a trabalho e não lembra de ter dito onde iria.

Ela e a amiga foram convidadas para fazer um trabalho com professoras em outra cidade. Tiveram um dia intenso de trabalho, e foram para o hotel. A recepcionista interfonou dizendo que havia um rapaz procurando por Ellen. Ela pensou que era engano, pois não conhecia ninguém na cidade e, quando

chegou na portaria, ficou surpresa: lá estava ele com seu sorriso maroto:

- Vamos?

- Não posso, tenho trabalho amanhã de manhã - Ellen disse.

- Eu te trago amanhã cedo, prometo! - Mendes retrucou, persistindo.

Ela não resistiu ao encanto dele e aceitou, pois confiava que ele iria trazê-la no horário.

Assim era ele, capaz de um ato romântico onde parava o carro e fazia um buquê de flores do campo, mas depois desaparecia por dias.

Eles passaram um período onde ficavam juntos nos finais de semana, e ficaram mais próximos. Nessa fase, foi se criando uma intimidade e ela ficou sabendo mais dele. Mas aí já era tarde, ela pensou que estaria bem, e não envolvida emocionalmente com ele, porém não foi bem assim. Teve algumas decepções à medida que se permitiu conhecer o outro lado dele. Sem o culpar, pois ele estava sendo ele mesmo, Ellen entendeu que, se tinha um culpado naquela história, era ela mesma!

Dez anos depois.

Algo inexplicável tinha mudado entre eles, ou melhor, ela tinha mudado aos poucos durante esses últimos anos, apesar do bem-querer que havia entre eles. Ellen sentia um futuro incerto, precisava de algumas mudanças, mas não sabia bem o que queria. A vida enviava situações e ela era solitária para buscar as soluções, seu lado emocional ficava pontuando as falhas no relacionamento que não foram ditas. Estar ou não estar, já não bastava, ela se viu obrigada a encarar os últimos anos para entender que ele estava longe de ser o que ela tinha idealizado. Continuava com os mesmos princípios de quando tinha 18 anos.

Onde a pessoa é livre para fazer o que quiser, não fazer perguntas foi conveniente, talvez um erro, e, por isso, sentia a necessidade de mudanças na vida dela. E não deixar essa história ser a principal trajetória dela.

Duas malas, um filho e uma busca de um futuro melhor.

Talvez tenha sido uma fuga da vida que tinha. Pode não ter sido a melhor opção, mas foi preciso.

Não havia nada menos dramático que ela pudesse fazer. Ellen pensou que isso, talvez, aliviaria a decepção de mais uma

derrota.

Depois de viver uma amizade colorida por tantos anos, sem expectativas, vivendo o momento, mas com a certeza que estava fora de validade.

Saiu da vida do Mendes sem argumentar. Essa característica faz parte do DNA dela. Foi o fim de uma era com ótimas memórias. Uma história de amor como tantas outras que, quando aos 15 anos, ela também acreditava. Algumas pessoas ainda acreditam, mesmo que muitas revirem os olhos.

Se as coisas não deram certo, não era para ser! Ou será que foram as ações e atitudes de ambos que determinaram o destino deles?

Ellen suspirou com lágrimas nos olhos, piscou para impedir que caíssem, mordeu o lábio na tentativa de se recompor. Foi uma reação emocional de pensar nesse amor mal-vivido, mas escolheu uma vida com poucas risadas, sabia que essas lágrimas eram sobre uma vida que foi perdida.

Virar imigrante num país estranho era a esperança de começar uma vida melhor. Chegando ao Aeroporto da cidade, Ellen olha uma criança feliz com a viagem dos sonhos. Deu um sorriso, pensando como é bom ser criança. Tentou achar um rosto conhecido para aliviar a tristeza.

Sua mente, então, por um momento, encenou o último encontro.

O telefone tocou, Ellen atendeu e logo reconheceu a voz. Ficou tensa, com o coração batendo forte. Tentando se recompor, disse:

- Quase não me pega em casa, estou indo viajar para Portugal amanhã.

- Quando volta? - Ele perguntou um pouco tenso.

- Não volto, estou me mudando com o Pedrinho - ela respondeu.

Ele ficou em silêncio, mas rapidamente, com seu charme habitual, perguntou se poderia pegá-la para almoçar e conversar um pouco.

Ellen, sem pensar, aceitou o convite, perdeu todo o equilíbrio emocional que tentava ter. Arrumou-se bem bonita, precisava deixar uma boa lembrança para ele saber o que estava perdendo.

Mendes chegou buzinando, o que sempre tinha evitado.

Nesse momento, era impossível controlar-se e preocupar-se com os vizinhos. Quando ela abriu o portão, ele veio na direção dela e a beijou; dessa vez ela não se preocupou. Foi um belo show às 10 horas da manhã e tarde da noite ele a deixou de volta no mesmo portão, dessa vez, sem cena e sem ninguém para observar a tristeza que estava no ar.

Ele blefou no jogo da vida, talvez nem tenha sentido o que ela também sentiu ao deixá-lo. Um romance que se concentrou nele mesmo e ficou reduzido a um foi bom enquanto durou.

Quando Ellen entregou o passaporte, respondeu às perguntas, e recebendo de volta o documento, olhou para trás. Não havia ninguém e não havia nada que a impedisse de viajar, de ir embora. Escutou do atendente do check-in:

- Boa viagem.

- Como será nossa vida? - Ellen pensou olhando para o filho.

Talvez o destino estivesse conspirando, fazendo com que essa insegurança se tornasse uma nova realidade, fazendo com que se mudasse para um país estranho, entregue à sorte. O destino conspirou e os uniu, e eles não souberam o que fazer. Sentiram-se onipotentes com todo o conhecimento do mundo, mas sendo impossível controlar tudo, perderam-se. Então esse mesmo destino resolveu dar a oportunidade de um novo recomeço, onde tudo estaria fora do controle dela.

Ellen ia se distanciando a cada segundo, com um futuro a ser desvendado, com o coração apertado e o pensamento confuso. Reuniu outra vez o que restava com muita coragem. Dessa vez, fazendo uma nova trajetória.

Inspirando profundamente, Ellen pensou:

- Deixe a vida me levar.

(Sobre o autor: Dalva M. Pinho “Este conto foi meu primeiro desafio, depois publiquei uma história fictícia no Amazon.com.br: Lia e o mistério da Montanha.”)

FRAGMENTOS

Antes mal acompanhada do que só — dizia Luíza para si mesma, tentando, pela milésima vez, se convencer de que o seu relacionamento com Alberto merecia mais uma chance. Rica, mimada, temperamental, gostava de ser o centro das atenções. Nos últimos anos, vira o amor-próprio escorrer pelo ralo tal qual a água perfumada na hora do banho. Verdade que os poucos amigos sempre a advertiram:

— Cuidado! Dois bicudos não se beijam. Mas adepta do “antes laços do que nós” às avessas, jamais considerara o conselho.

Filha do seu tempo, trazia a alma borrada pelos inumeráveis vícios de sua classe, dos quais, o mais explícito apresentava-se como uma indisfarçável má vontade para com toda e qualquer criatura que porventura questionasse as suas peculiaridades. Aqui e ali, num rasgo de lucidez passageira, atribuía a sua proverbial responsividade à fragilidade da persona(gem) que precisava apresentar ao mundo. Em Roma, como os romanos. Visto que a vida — pensava — é nada além da sobreposição de enredos teatrais; convém representar-se da melhor maneira possível. Naturalmente, tais arroubos, incipientes, logo eram interrompidos pelas sedutoras e significativas insignificâncias do cotidiano...

— Alô? Alberto, preciso te ver, eu te perdoei — do outro lado, silêncio. Assim foi por mais um dia, dois, três...

Naqueles dias, voltara a preocupar-se com o silêncio, velho fantasma desde a infância, quando colecionava uma plêiade de bugigangas, dentre essas, medos de toda sorte. Bem no fundo, sabia que éramos criaturas condenadas às ausências diversas. Bem, de certo modo, lá estava ela diante de mais uma lacuna... É — pensava — o silêncio de gente acentua o silêncio da gente. Talvez, quem sabe, algum acontecimento inusitado, algo dramático, fizesse barulho o suficiente para desqualificar aquela escassez de barulho, sem o qual os enredos dessa vida parecem vazios, acinzentados.

— Louca! Tá querendo morrer? — Alguém gritou quando quase a atropelou. Atordoada pelo grito não menos do que pelas buzinas, saltou, mas não deu palavra. Subiu as escadas do prédio onde ele morava, bateu à porta. Ouviu passos, mas

ninguém respondeu. Gritou, silêncio do outro lado. Olhou o relógio, 13 horas. Barzinho, praia, loja, chalé, casa dos pais, faculdade, esgotou tudo. Profundamente irritada, voltou para casa. O celular tocou. Não atendeu. — Dane-se! Tomou um banho morno e entregou-se à leitura de seu livro favorito: “O Pássaro Secreto”, de Marília Arnaud.

Alberto Pereira Falho, rico, mimado, temperamental, galanteador, gostava de ser o centro das atenções. Ora, desse Alberto, reconhecido Casanova, dizia-se que andara metido em severas complicações... tivera problemas com a lei, pois, conforme se comentava, era-lhe constitutiva a inclinação para ignorar os padrões morais pequeno-burgueses daquela sociedade decadente que lhe servia de palco. Certa feita — olhe que isso pode bem ser verdade — provocara tremendo rebuliço em Florença, ao intrometer-se numa querela romântica entre duas personagens da alta fidalguia daquele sítio. Avesso à moralidade, tomara para si o lema: antes maldito que malsucedido. Maquiavel teria aprovado.

Quanto às suas origens, vai se saber. Os mais afeitos a esses anacronismos genealógicos, afirmavam, de pés juntos, que ele era filho bastardo de um imigrante não sei de onde, sobre o qual apenas se sabia que tinha um trejeito de quem servira à máfia. Por essas e outras, antes evitá-lo do que desafiá-lo.

Como um quadro monocromático assim estava o dia 05 de outubro de 2019. Luíza se desesperava com a ausência dele, tanto que a cidade se tornara pequena demais para ela. Lá fora o mundo estava agitado, uma multidão se aglomerou, era um movimento contra o presidente. Luíza não queria saber. Na TV, guerras e rumores de guerras. Luíza não queria saber. Tiros estilhaçaram janelas e portas. Luíza não queria saber. Gritos de horror não a deixavam descansar. Tapou os ouvidos com o travesseiro.

- Luíza, abra essa porta!!! - berravam do outro lado. Silêncio. Assim foi...Naquela tarde, às 15h30, sua mãe foi atropelada, mas não socorrida; às 15h35, seu cachorro morreu engasgado; seu gato, afogado; às 15h40, labaredas invadiram o prédio onde ela morava, mas Luíza já não se importava. BOOOM! Bombeiros subiam e desciam no edifício em chamas, tentando salvar os possíveis.

Às 16h, Alberto foi baleado e morreu com um buquê de

flores nas mãos. Aliás, mais de um. Sim, Don Juan como era, queria agradecer a florista. A propósito, diziam as más línguas que algum tipo de maldição pesava sobre ela, pois com intrigante frequência seus clientes contumazes baixavam à sepultura. Seria isso uma mera coincidência? — perguntavam os desocupados.

Enquanto depredavam lojas e afins, ela assistia ao filme “O Coringa” na sua TV de última geração, da qual sequer pagara ainda a primeira prestação. Luíza não queria saber. Afinal, ponderava, sob diversas ocasiões, estar ciente da própria insciência é uma benção. Ora, é socrático saber que não se sabe é o princípio da sabedoria.

Insistentemente o celular tocou, tocou, tocou, mas não a ponto de tirá-la daquele torpor no qual mergulhara. Olha, bem que aquela narcose tinha lá seus benefícios. Convenhamos, com quantas estrofes se faz uma catástrofe? Bem, entre o deslize e o desastre, ficou com o último, pois já não havia tal esperança.

De repente, paredes brancas e altas desafiavam os seus olhos doloridos; mãos, rostos e vozes se confundiam na sua mente; uma cacofonia dantesca, sobre a qual floresciam influxos de um nihilismo aterrador, fizeram-na, finalmente, render-se à plenitude vazia que permeava a sua existência. Paradoxalmente, alguma coisa no seu âmago despedaçado ainda encontrara argumento para pensar na beatitude do irremediável. Ora, o medo não subsiste à partida da esperança. Assim, não soube precisar quanto tempo estivera ali, mas aquele lugar desolador pelo menos trouxera de volta lampejos dos seus aniversários, ainda que a sua natureza, excessivamente autorreferente, não concedesse espaço para uma reflexão a propósito da natureza tragicômica de tais ocasiões. Vinte e cinco anos, mas, definitivamente, jamais vinte e cinco tortas. Algo fundamental estivera sempre ausente. Lágrimas a cântaros, olhou ao redor, silêncio.

Estaria só naquele lugar? Sozinha no mundo? Tentou se levantar, mas era como se houvesse bolas gigantescas de chumbo agrilhoando as suas pernas. Tentou gritar por socorro, mas sem algum conseguia pronunciar, palavra alguma parecia articulável. Fechou os olhos. Ao abri-los, se viu diante de um espelho que ia do teto até o chão. Gelou.

– Não, não, não!!! - Apavorada, ela se contorcia na cama, agarrada por tubos, fios estranhos e enfileirados.

– Alguém está me ouvindo? Droga, responde! – ninguém era capaz de ouvir o inaudível, ela sabia.

Olhou para o relógio: 21h. Destacou a folha do caderno, amassou e arremessou-a no lixo.

- Por hoje, chega! A escrita não é o meu forte.

(Sobre o autor: C. Carvalho “Eu sou a mão que escreve, a mão que descreve, a mão que relata as dores humanas. Eu perscruto a minha alma, me descubro enquanto palavra, e, assim, me faço verbo. Eu me permito ser, mesmo com tímida pretensão, o novo livro que você vai ler...”)

O ANIVERSÁRIO DE ANINHA

Ana Maria era o nome dela, mas eu ,carinhosamente, a chamava de Aninha e ela chamava-me de Niquim.

Aninha portava uma beleza notável. Tinha a pele branca, os cabelos castanhos longos e levemente ondulados, sorriso largo e semblante angelical. A doçura de sua voz, a meiguice do seu sorriso e a candura do seu olhar encantava a todos que dela se aproximavam. Ela era o xodó do papai, a caçulinha da mamãe. Minha única irmãzinha!!!

Aninha sempre foi uma aluna muito estudiosa. Por três anos consecutivos, ganhou o prêmio “Aluno Nota Dez” na escola onde cursava o ensino fundamental. A sua inteligência era regada pela sede de saber. A arte de questionar a diferenciava dos demais alunos. Com o seu jeito amável e extrovertido, costumava liderar as brincadeiras no recreio.

Quando era questionada qual o seu sonho ou o que seria quando crescer, Aninha, rapidamente, respondia sem titubear: — vou ser professora!

De fato, Aninha era mesmo uma criança dotada. Especial! Com os dons que dispunha e dedicada aos estudos como era, ela poderia vir a ser uma grande professora, psicóloga, médica, enfim, uma grande líder.

Recordo-me do último natal que passamos juntos. A nossa família estava passando por uma grande crise financeira. O nosso pai tinha hipotecado os carros e a casa onde morávamos, bem como corria o risco de perder o restaurante do qual tirava o nosso sustento.

Naquela noite, a nossa mãe havia preparado uma ceia muito simples. Bem ali, no recanto da sala, havia uma árvore de Natal com algumas minúsculas caixas de presentes. Aninha esperava ganhar uma bicicleta... “Niquim, o papai vai me dar uma bicicleta... ele me prometeu! Com certeza vai me fazer uma surpresa neste Natal”, disse-me sorrindo e cheia de expectativa algumas horas antes da ceia.

Naquela noite, o nosso pai chegou bastante atrasado para a ceia; mamãe estava muito apreensiva, não conseguia disfarçar o seu nervosismo. Era comum o seu pai atrasar? Não! Ele costumava ser muito pontual; as suas ações eram praticamente todas cronometradas e ele nos ensinava a fazermos o

praticamente todas cronometradas e ele nos ensinava a fazer-mos o mesmo.

— Nicolas, a grandeza de um homem está na honradez de suas promessas e isso começa pelo simples gesto de cumprir um horário — dizia-me quase diariamente justificando a sua pressa e pressionando-me a chegar, rigorosamente, no horário correto para as aulas. Além de ser bastante rigoroso, ele sempre foi um homem calmo, tranquilo, um pai amável e dedicado. Éramos uma família feliz.

— E a mãe, como era o seu temperamento? Ah! Mamãe era uma pessoa amável, altruísta, porém, tinha baixo limiar para frustrações. Quando era contrariada, transformava-se. E naqueles dias, então, ela andava muito tensa, nervosa... Estava se tornando comum discussões entre ela e o papai. Isso, emocionalmente falando, nos afetava muito. Sabe? Na época éramos duas crianças. Aninha tinha dez anos e eu, doze.

Bem... Voltando a falar da ceia: naquela noite, enquanto esperávamos o papai, depois da mamãe ter tentado em vão ligar várias vezes para o celular dele, aconteceu algo bem estranho. O telefone de casa, que ficava na sala de visitas, tocou. Mamãe correu para atender. Nós a acompanhamos. Pensávamos que fosse o nosso pai, mas, não, não era ele.

Quem era, então? Não sei! Esforcei-me para ouvir a conversa, mas só consegui escutar o que dizia a mamãe. Recordo-me, nitidamente, de sua fala: — Alô! Alô... Por favor, quem é você...? Como assim, vamos ter uma grande surpresa? De que você está falando, quem é você?. Depois disso, ela silenciou e soltou o telefone sobre a mesa de centro. Estava pálida e ofegante. Eu e Aninha tentamos ajudá-la a sentar-se no sofá ao lado, mas não obtivemos êxito. Ela desmaiou. Aninha saiu desesperada gritando para pedir socorro a Joana, funcionária da casa que estava na cozinha, e eu fiquei com a mamãe. Estava apavorado!

Joana veio rapidamente. Com ela, também chegou o motorista que tinha ouvido os brados de Aninha. Ele e Joana pegaram a mamãe e puseram-na deitada sobre o sofá. Quando ela estava despertando, ainda sob o efeito do choque, chorando, balbuciou: — a Ana Maria, não! Por favor... Não! Meus filhos, não!

Nós a abraçamos fortemente. Aninha em pranto dizia:

— Mamãe, mamãe, o que aconteceu? Calma! Estamos aqui, chorando, balbuciou: a Ana Maria, não! Por favor... Não! Meus filhos, não!mamãe! Estamos bem, acalme-se. Logo logo o papai vai chegar para a nossa ceia. Vai ficar tudo bem!

Joana trouxe um tranquilizante; mamãe o tomou e, aos poucos, foi acalmando-se. Toda essa correria se deu no tempo de oito a dez minutos.

Depois disso, não demorou muito e o papai chegou. Ao vê-lo chegar, ligeiramente fomos ao seu encontro e o abraçamos felizes e aliviados. Mas o papai estava muito estranho! Não nos pediu desculpas nem tampouco tentou justificar o atraso. Mamãe não manifestou nenhuma expressão de alívio. Continuou muito inquieta. Tensa.

Após Joana nos comunicar que a ceia estava posta à mesa, mesmo sem apetite e clima para a tal refeição, dirigimo-nos à sala de jantar. O papai sentou-se de frente à mamãe, como de costume. Eu e Aninha sentamos um ao lado do outro. Ninguém ousava dizer uma só palavra. De repente, a campainha tocou. Mamãe e Joana se entreolharam. Quem poderia ser aquela hora da madrugada? — Atenda Joana e, caso seja algum morador de rua pedindo auxílio, convide-o para entrar e cear conosco — disse a mamãe para a Joana. Naquele momento, não entendi direito se ela queria fazer um ato de caridade ou se queria provocar o papai. Ele apenas meneou a cabeça, discordando da atitude dela.

Poucos instantes depois, Joana retornou trazendo nas mãos uma pequena caixa de presente e um envelope branco direcionado ao papai. —Veja senhor Clóvis, é para ti — disse Joana e entregou a encomenda. Ele questionou acerca de quem lhe havia presenteado, mas Joana não sabia responder. Disse apenas que era um homem alto e barbudo, que usava um boné quase cobrindo o rosto.

Quando papai abriu o envelope e leu o cartão, ficou transtornado. Enfurecido, esmurrou a mesa e, levantando-se da cadeira, dirigiu-se ao quarto esbravejando.

— Desgraçada! Antes disso, eu a... maldita! Mamãe o acompanhou.

Aninha e eu estávamos bastante assustados com a atitude do nosso pai. Não era possível imaginar que rumo tomaria aquela situação. Ficamos mais um pouco na mesa com Joana e

depois, subimos para os nossos aposentos. O meu quarto ficava ao lado do de Aninha, ambos de frente com a suíte do casal. Enquanto passávamos pelo corredor, paramos um instante próximo à porta do quarto deles. Aparentemente, os ânimos haviam se acalmado. Pelo menos, não havia gritaria. Isso nos acalmou um pouco.

Já era quase manhã quando consegui adormecer. Naquela noite, pela primeira vez, eu vi de perto a intrigante insônia. Aninha também a conheceu!

Às dez horas da manhã, eu já estava acordado. Fui ao quarto de minha irmã para ver como estava. Depois fui ao quarto do casal. Vi que a mamãe ainda estava deitada. Dormia profundamente. Certamente, por causa dos efeitos dos tranquilizantes. O papai não estava mais no quarto. Desci, fui até a cozinha. Joana estava fazendo o almoço. O cheiro da comida inundava os ares do ambiente. Ela serviu-me café acompanhado com bolo de fubá. Perguntei-lhe pelo papai, ela me disse que ele tinha saído no horário de sempre. Apesar das turbulências, aquele dia dava sinais que seria suportável. E assim foi o restante da semana, tenso, mas suportável. Diferente da semana posterior.

O domingo seguinte seria um dia muito especial para todos nós, quinze de outubro. Nesta data, Aninha completava onze anos de vida. Não podíamos jamais deixar de comemorar este acontecimento tão especial. O aniversário de Ana Maria, a nossa Aninha!

Devido à crise financeira, o papai não pode dar uma festa de aniversário como fazia todos os anos, mas comprou a tão sonhada e prometida bicicleta para Aninha, assim como programou passarmos o dia no parque Boa Ventura, que ficava próximo de uma cachoeira, há vinte e seis quilômetros daqui, de Minas Gerais. Aninha estava superanimada, porque adorava ir a este parque, como também era apaixonada por cachoeiras.

Às nove horas da manhã, nós já estávamos no parque. Dinâmica e extrovertida como sempre, Aninha logo se entrosou com as outras crianças que estavam lá. Eu estava feliz por ela. O papai e a mamãe esforçavam-se para entrar no ritmo da comemoração.

Nossa manhã foi leve e divertida, o inverso da tarde vinda.

Eu estava jogando futebol com os outros meninos e Aninha andando de bicicleta junto às suas novas amiguinhas. Nem vimos o tempo passar. De repente, ouvi a voz da mamãe me chamando para ajudá-la a organizar o piquenique. Seria o nosso almoço. Melhor dizendo, o almoço de aniversário da nossa princesa!

Eu acenei para ela, mostrando que já estava indo. Enquanto me dirigia para a árvore onde estava, vi o papai conversando com uma mulher, cujo rosto não reconheci. Ela estava dentro de um carro branco e ele, do lado de fora. Notei-o irritado, mas não dei muita importância.

Quando já estávamos terminando de arrumar a “mesa”, o papai chegou e nos ajudou na finalização do banquete. Ele estava tenso e com a face enrijecida, mas acho que a mamãe não percebeu a mudança de humor dele. Tudo pronto, a sobremesa que a Joana tinha preparado seria uma torta de chocolate ornamentada com o nome de Aninha e a sua idade. Combinamos, então, que eu iria chamar a Aninha e, quando estivessemos perto do local do banquete, eu a vendaria os olhos para fazer-lhe uma surpresa. Saí eufórico. Fui direto ao último ponto onde eu a havia visto. Mas ela não estava mais lá, nem as outras meninas. O parque era bastante grande, eu comecei a procurar pelos lugares onde fosse viável brincar de bicicleta. Não a encontrei. Voltei desesperado sem saber o que dizer para os meus pais que, ansiosos, nos esperavam.

Tanto a mamãe quanto o papai ficaram perplexos quando me viram chegar sem Aninha. — Filho, cadê a sua irmã? — disseram os dois em um só coro. — Eu não a encontrei... respondi com voz trêmula.

Deixamos tudo e saímos à procura dela. Papai saiu para um lado, eu e mamãe para o outro. Procuramos em cada canto daquele parque, perguntamos a todas as pessoas que víamos, mas não obtivemos nenhuma pista, nenhuma informação precisa.

Ligamos para diversos conhecidos e familiares para comunicar o desaparecimento de Aninha e na busca por alguma informação. Todos lamentavam, mas ninguém tinha informação dela. Não sabíamos mais o que fazer. Já era noite, mamãe queria informar a polícia o desaparecimento da filha, mas o papai resistia. Preferia esperar mais um pouco.

Uma chuva forte começou a cair. Fomos para o carro. Papai decidiu ir para casa, no entanto, a mamãe insistia em ficar e procurar mais um pouco por Aninha. Ele estava certo, não tinha como continuar as buscas debaixo daquele temporal. Retornamos para casa contra a vontade de mamãe. Ela estava incomformada em voltar sem a filha. Eu também!

Ao chegar em casa, mamãe logo subiu para o quarto, eu a acompanhei. Tentei consolá-la, mas ela estava inconsolável. Ajudei-a a tomar os seus tranquilizantes e deitei-me um pouco ao seu lado. A Joana não estava em casa. Nos fins de semana, geralmente, viajava para o interior, onde morava a sua família. — Justo hoje Joana não está conosco! Pensei.

Mamãe estava queixando-se de muita dor de cabeça; lembrei então que, nesses casos, a Joana sempre colocava um pano umedecido na frente dela; então desci para ir até a cozinha preparar uma compressa gelada para a mamãe. Notei que o papai estava no telefone e então, desci as escadas devagar para que ele não notasse a minha presença. E, de fato, ele não notou. Estava totalmente fora de si. Ele dizia aos berros para a pessoa que estava do outro lado da linha: — o que você fez com a minha filha? Isso não vai ficar assim! Pode esperar...

O meu pânico aumentou ainda mais. Senti vontade de perguntar se ele já tinha alguma notícia de Aninha, porém tive medo, até mesmo, de me aproximar dele. Retirei-me da sala antes de ser visto. Fui preparar a compressa. Quando retornei, ele não estava mais na sala.

Com a compressa, a enxaqueca da mamãe foi cedendo e os tranquilizantes fizeram-na dormir. Eu também fui vencido pelo cansaço e adormeci junto a ela. Nas primeiras horas da manhã, ainda quase de madrugada, acordei com a mamãe gritando por Aninha. Estava tendo um pesadelo, o qual ela não me contou.

Levantamos, procuramos o papai por toda casa e não o encontramos. A chuva havia cessado e ele, certamente, tinha retomado as buscas. Mamãe ligou para o celular dele, mas ele não o atendia. Isso aguçava ainda mais a nossa angústia. Foi então que ela não aguentou mais e chamou o motorista para que nos levassem até a delegacia mais próxima para registrar o desaparecimento de Aninha.

Chegando lá, mamãe entrou para falar com o delegado e

eu fiquei na sala de espera. Ao sair, ela ordenou ao motorista que nos levasse até o parque Boa Ventura. Durante todo o caminho, Ela fez silêncio, comentou apenas que o delegado plantonista era o meu tio Carlos Abreu, único irmão de meu pai.

Quando chegamos ao parque, a polícia já estava em diligência. O carro do papai também estava lá. Um dos policiais fez algumas perguntas para a mamãe e nos orientou a ficar observando para ver se encontrávamos alguma das crianças que estavam com Aninha no dia anterior. E assim fizemos. Não demorou muito e nos deparamos com duas meninas andando de bicicleta. Chamamo-las e perguntamos sobre a última vez que elas a tinham visto. — A gente estava brincando, aí chegou um homem alto e barbudo e a chamou. Ela foi até ele, conversaram um breve instante e, depois, saíram numa caminhonete preta em direção à cachoeira. A partir deste momento, não a vimos mais — disse-nos uma das meninas. A outra acrescentou: — o homem também usava um boné preto...

Esta informação acabou de roubar o resto de chão que sustentava os pés de mamãe. Eu senti um frio na espinha. Nessa hora, um dos policiais se aproximou de nós e, por coincidência, trazia-nos a mesma informação. Mamãe começou a se sentir muito mal. Os policiais puseram-na em uma das viaturas e levaram-na para o hospital. Lá, não me deixaram acompanhá-la. A moça da recepção pediu-me o número do telefone de papai. Eu dei, mas ela não conseguiu falar com ele. Lembrei que a Joana já devia ter chegado para o trabalho e pedi para a recepcionista ligar para o telefone fixo de minha casa. Joana atendeu, eu tentei falar com ela, mas a minha voz embargou. A recepcionista pegou o telefone e explicou o acontecido. Joana veio de imediato para o hospital. O caso de mamãe era bastante delicado. Ela tinha sofrido um ataque cardíaco e estava na UTI.

Não havia nada a ser feito por nós no hospital, então, Joana decidiu voltar para casa e me levar com ela. Juro que eu não queria sair de lá, mas tive que obedecê-la. Afinal, eu ainda era uma criança e também precisava de cuidado.

Passou-se o dia e não obtivemos nenhuma notícia da minha irmã. Eu já estava perdendo as esperanças... o quadro de saúde de mamãe continuava o mesmo; papai nem ao menos vinha em casa. Só restava a Joana para tentar me confortar.

No dia seguinte, logo pela manhã, o telefone tocou. Jo-

ana atendeu. Era da delegacia. A minha irmã tinha sido encontrada. Aliás, o corpo de minha irmã tinha sido encontrado. Estava dentro de uma cratera próxima à cachoeira. A notícia me causou uma dor terrível na alma! Achei que jamais passaria por outra dor de similar dimensão, mas não demorou muito tempo e a experimentei. Talvez ainda maior.

Havia se passado um mês do trágico acontecimento, mãe já havia recebido alta do hospital, mas ainda estava emocionalmente muito fragilizada, não conseguia aceitar a forma brutal como a filha morreu. Eu, particularmente, confesso que ainda hoje, quinze anos depois do acontecido, não consigo entender como uma pessoa pode fazer um mal tão horrendo a um anjo como era a minha irmãzinha. E o que me indigna ainda mais é saber que o criminoso nunca foi descoberto e punido pelo crime.

Depois da morte de Aninha, papai se tornou um estranho para nós. Mal nos dirigia a palavra. Naquela sinistra noite, quando eu já havia me recolhido e estava já cochilando na minha cama, comecei a ouvir gritos acompanhados de tiros de arma de fogo vindos da direção do quarto de meus pais. Levantei-me assustado e fui até lá, mas já estava tudo em silêncio. A porta do quarto estava trancada com a chave, bati repetidas vezes chamando por eles e ninguém me respondeu. Na hora, lembrei-me de ligar para o celular de meu tio, mas só dava desligado. Joana não estava em casa, como eu disse, nos finais de semana; ela viajava para o interior. Lembrei então de chamar seu Fernando, o motorista. Fui até o quarto dos fundos e logo ele veio comigo. Tentou arrombar a porta, mas não conseguiu. Foi então que ele ligou para a polícia, que veio de imediato.

Eu temia só de pensar no que poderia ter acontecido. Desejava que tudo aquilo não passasse de um pesadelo, mas infelizmente, pouco tempo depois, os meus olhos constataram que era tudo real. Quão impactante foi a cena que vi ao abrir aquela porta! Um desastre — mamãe e papai estavam caídos no chão. Ambos estavam feridos na cabeça e o sangue deles jorrando no piso. Uma cena trágica que minha mente se recusa a apagá-la! Na mão direita de papai, estava um revólver calibre trinta e oito. Isso foi o suficiente para os peritos concluir o inquérito. O meu pai havia matado a minha mãe e, em seguida,

suicidou-se. Mas será!? Eu sempre me recusei a acreditar nesta barbaridade.

— Você disse-me que ouviu vozes de discussão; se recorda de alguma fala?

— Sim! Lembro-me de papai dizendo: — foi por sua causa... a minha filha era inocente. Ela não merecia... E mamãe gritava: — pare Clovis...pare!

— Na época você contou isso para a polícia?

— Não. O meu tio impediu que eu fosse depor alegando o meu estado emocional. Naquela mesma semana, ele me mandou para a casa dos meus avós paternos que moravam em São Paulo.

Meu tio passou a administrar os negócios do papai: assumiu as dívidas, resgatou as hipotecas... Todo mês, ele enviava uma boa quantia em dinheiro para mim aos cuidados de meus avós, por isso consegui me formar em advocacia criminalista. E agora, voltei para fazer justiça!

— O seu tio já sabe de seu retorno?

— Não. Eu preferi vir em segredo. Agora que ele se aposentou passa boa parte do seu tempo em uma das suas fazendas, distante da cidade.

— Ótimo! Será melhor assim. Vamos continuar. Você poderia me levar até o quarto onde seus pais morreram?

— Claro! Acompanhe-me, por favor.

Veja, foi aqui... apesar do tempo, permanece quase tudo como era antes.

— Que belo quadro, a moldura tão fina que mais parece uma pintura na própria parede. Não! Veja é a proteção de um cofre! Você sabe o segredo que o abre?

— Não, não sei. Eu desconhecia a existência desse cofre, sempre achei que fosse apenas um quadro. Mas o papai sempre usava os dois primeiros números da data de meu aniversário e do de Aninha como senha para diversas contas, talvez ele as usasse para os cofres também. Vamos tentar.

— Dr. Nicolas, olhe só o que tem aqui... E essa caixinha, você a reconhece?

— Reconheço. Foi essa a caixinha de presente que papai recebeu na noite de natal. E esse, certamente, foi o bilhete.

— Doutor, e essa janela, você se recorda se ela estava aberta na noite do acontecido?

— Infelizmente não lembro!

— Faça um esforço, tente lembrar-se de mais detalhes... além dos tiros e dos gritos, você não ouviu mais algum barulho, do tipo a janela se abrindo?

— Mas é claro! Como pude esquecer-me deste detalhe? Ouvi, sim. Logo após os tiros, eu ouvi a janela bater e os cães que estavam no muro latirem.

— Ok! Agora, preciso ir ao jardim; quero ver essa janela pelo lado de fora.

— Vamos lá.

— Na época, essa árvore era viva?

— Sim. Eu e Aninha adorávamos brincar aqui.

— Veja esse boné, você o reconhece, seria de alguém da casa? Do jardineiro?

— Não!

— Por hoje é só. Já tenho informações suficientes... Amanhã à tarde, encontrarei você no hotel onde está hospedado.

— Até lá, então.

— Alô! Doutor Nicolas, combinamos de nos encontrar hoje à tarde, mas resolvi me antecipar e ligar, pois tenho grandes e urgentes notícias para lhe dar. Podemos nos encontrar agora?

— Com certeza! Em breve, estarei aí no seu escritório. — Obrigado!

— Bom dia Dr. Nicolas. Entre e sente-se, por favor!

— E então, Dr. Ribeiro, quais são as novidades?

— O seu tio, o Dr. Carlos Abreu, é o responsável pela morte de sua irmã e o autor dos disparos que mataram os seus pais. Por medida cautelosa, não lhe contei que há algum tempo, o seu tio e a esposa dele estão sendo investigados. Pesam contra eles as acusações de serem donos de vários cassinos aqui na cidade; de terem envolvimento com contrabando e lavagem de dinheiro no exterior. O seu tio não se aposentou, ele foi afastado do cargo por motivo destas investigações.

Ontem mesmo, ao sair de sua casa, procurei o delegado responsável pela investigação e apresentei as provas que colhemos. Concluímos que, na época dos crimes, o seu pai tinha uma grande dívida com o Dr. Carlos Abreu e a esposa, conforme atesta as promissórias vencidas que estavam em um dos envelopes no cofre do quarto de seus pais. A pessoa que ligou para a sua mãe na noite de Natal, anunciando que ela teria uma surpresa,

era a Dona Magnólia, esposa de seu tio. A caixinha de presente enviada para o seu pai também foi enviada por ela. Dentro dela, tinha uma miniatura de caixão de defunto e, dentro da miniatura, uma foto de sua irmã. O bilhete que acompanhava o “presente” dizia: — você sabe quem sou. Estou lhe avisando...! Além disso, havia também um segundo envelope no cofre, contendo uma carta de seu Clóvis para a Dona Virgínia, sua mãe, onde ele explicava tudo o que estava acontecendo e pedia para que ela cuidasse de vocês, caso alguma tragédia viesse a acontecer com ele. Isso comprova que seu pai era conhecedor e não participante da máfia, da qual o seu tio e a esposa fazem parte. Também contamos com as marcas de ferros na parede de fora do quarto de seus pais, o que indica que alguém utilizou algum tipo de suporte para chegar até a janela que dava acesso ao quarto, ou seja, o seu tio pulou o muro e escalou a parede, entrou pela janela do quarto e matou o próprio irmão e a cunhada para ocultar as testemunhas de seus crimes. Depois, colocou a arma do crime na mão da vítima para simular um homicídio, seguido de suicídio. E, sendo ele o delegado responsável pelos casos, isso facilitou a distorção das investigações e o fechamento do inquérito sem que fossem revelados e punidos os responsáveis pelos crimes. Mas, como não há crime perfeito, ele, na pressa de fugir da casa, deixou cair o boné preto, o mesmo que usou acompanhado, fantasiado com a barba para entregar o “presente” na noite de natal e para atrair Ana Maria até a cachoeira onde a matou para efetivar as ameaças feitas anteriormente.

Agora, o delegado está apenas aguardando que o juiz emita o mandado de prisão para prender o casal de criminosos de alta periculosidade, Dr. Carlos Abreu e a sua esposa, Dona Magnólia.

— É, para mim, nem tudo é surpresa! Que seja feita a justiça!

(Sobre o autor: Lenilda Araújo, estudante do curso Técnico-integrado em Geologia do IFPB, campus Picuí, gosta de ler romances, poesias, crônicas e contos.

Além do conto “O Aniversário de Aninha”, é autora da crônica “Um passeio, duas lições”, o poema “Infância Roubada”, ambos vencedores de concursos literários em 2019, quando estudante da E.M.E.F Ana Maria Gomes, Picuí-PB.)

O PREÇO DO LEITE

Por longo período, ainda se ouviu pela casa, a sequência das duas vogais médias fechadas, ausentes das consoantes fricativas labiodentais sonoras pertinentes, até a lembrança do “oô” se esvaír da mente da inocente criança que ainda sugava avidamente sua mamadeira, alheia ao preço do leite que lhe sustinha a vida.

Sem trabalho formal, estava fazendo apenas bicos ultimamente. Beirando os sessenta, a dificuldade de arrumar emprego já era absurda, avalie em tempos de pandemia! Não via a hora de receber os míseros reais da aposentadoria sempre postergada para mais anos, devido às inúmeras reformas previdenciárias que só o atingia. E ainda, público alvo do maldito coronavírus que não pouparia a vida de um diabético hipertenso como ele. Apesar de não aparentar debilidades, temia pela sua condição.

Ao contrário de muitos que teimavam em desobedecer as orientações de prevenção e arriscarem a vida de todos, não saía sem sua máscara e sem seu potinho de álcool em gel, à setenta por cento, conforme às recomendações sanitárias. A televisão denunciava o descaso do poder e as somas diárias de mortos aos milhares. O medo era natural.

A duras penas, conseguia o leite do neto. A filha tinha-se agregado de volta à casa paterna por questões óbvias. A contragosto, o governo auxiliava emergencialmente para o pouco da comida, o que, circunstancialmente, não dava direito ao genro de continuar pagando o próprio aluguel.

Acordou, jogou água no rosto e afundou no bolso a única cédula que guardara para uma necessidade como aquela. Saiu sem se aperceber da chuva que principiava rápido. Escutou um “Leva um guarda-chuva, menino!”. Certamente a esposa com sua preocupação normalmente excessiva. Pensava na carestia. A inflação estourava. Tudo estava mais caro. Ficar em casa não foi opção. O mundo recluso dava marcha à ré. A produção caía. E a escassez de tudo elevava os preços às alturas. Leite, evidentemente, não era exceção.

Caminhou tranquilo com uma sensação repentina de alegria. Foi, ignorando as gotas cadentes que lhe acariciavam a alma de homem justo e devotado à família. Voltava com o pa-

cote do precioso pó, envolto em uma sacola preta de plástico de

supermercado e enrolado à mão. O tempo fechava lentamente. O céu anunciava tempestade.

Cingiu-se ao balcão como um menino eufórico que espera doce:

- Dez pães, por favor! Pedira tirando o excesso de água do rosto e desprezando o saco ladeado a outro igual, na prateleira à frente da vitrine cujas guloseimas não era objetivo momentâneo de aquisição.

A padaria estava cheia. Clientes no interior e gente se aglomerando no alpendre para fugir da chuva que engrossava.

O moleque era tudo. Pai tardiamente, ser avô foi a dádiva que lhe trouxe novo sentido à vida. Era com o neto pra tudo, o dia todo! Ainda bem que não o tinha levado ao temporal. Ajeitou a máscara de pano que lhe dificultava a respiração já encharcada com um sorriso terno da criança à mente. Entumeceu os olhos confundindo-se com o rosto umedecido. Tinha resolvido entrar na padaria para levar pão. O sabor quente do café se misturando ao trigo com margarina, nas papilas gustativas, era um dos poucos e sublimes prazeres que não lhe tinham roubado ainda. Sem falar nos pedacinhos do miolo que compartilharia como sempre com o dono do leite. Certamente o pitoco correria desajeitado, com seu sorriso de dois dentinhos inferiores à mostra, para lhe abraçar, balbuciando já o corriqueiro “ôô” providencial. A felicidade estava a poucos minutos.

Instintivamente, seguiu em passos largos para casa debaixo da chuva torrencial. Mas a poucos metros de caminhada, quase correndo, escutou:

- Pega ladrão! Pega ladrão! Naturalmente ignorado. Aperitou o passo devido ao toró.

Não entendeu quando recebeu o covarde golpe na cabeça. E já ao chão, via em *flashes*, a multidão a chutá-lo e a lhe desferir toda sorte de pancadas entre gritos raivosos e xingamentos. Apesar do tumulto, ainda percebeu ao longe uma mocinha correndo desesperada em sua direção, balançando o outro pacote à mão. Ficou ainda mais confuso, mas conseguiu, entre as bordoadas, ler nos lábios da menina um desesperado “NÃÃÃÃO!”.

Ah! Depois de tanto sofrimento. Adolescente, gravidez de

risco. Não apenas como pai, mas como o provedor natural devido às circunstâncias, tinha despendido as últimas economias da poupança para a cesariana às pressas de sua menina para salvar-lhe a vida e ver o rebento. Tudo saiu como Deus quis! E foi abençoado. Todo sacrifício valeria a pena. A maior alegria de sua vida até então: ver sua criança mãe, e lhe presentearo o tão esperado netinho, foi uma emoção incomensurável. Talvez maior que o próprio nascimento dela. Pensara por um momento quando o recém-nascido lhe chegou aos braços pela primeira vez.

Tantos planos. Presente no futuro: pedia convictamente aos céus o merecimento de vê-lo crescer. Ensinar-lhe os repentes engraçados que releria nas rodas de conversas. Planejava entusiasmado lhe passar, daqui a pouco, os primeiros acordos no fole de oito baixos que mofava na parede. Por enquanto era colocá-lo aos sorrisos nos braços e levantá-lo como um troféu divino de um velho bonachão. A injeção de vida tinha nome e sabia já dele avô, embora só as vogais soassem singelamente reivindicando presença, de horas a fio, sem se ver passar o tempo. Arquitetava sempre aumentar o balanço da rede e senti-lo pressionar o corpinho a seu peito no vai-e-vem até adormecer tranquilo.

Sem dúvidas não abria mão de levá-lo ao primeiro dia de aula, isso já estava acertado, inclusive.

- Ora essa! Não tem problema nenhum o avô levar o neto à escola. Redarguiu impositivo quando a avó discordara do seu zelo.

- Imagina esse menino rapaz, eu vou aguentar? Inteligente como é, vai me dá muito orgulho. Exclamava sempre enriquecido com toda possibilidade de conquistas e momentos não vistos. Na formatura da universidade certamente estaria presente para chorar às pampas. Será, sem dúvida, o primeiro doutor da família. Assim como guardara o suficiente para a última aflição, guardaria algum para ajudar no futuro do menino, ora! Divagava... coisa de avô!

Uma sucia de agressores gratuitos se enfureciam para arrancar dele o envoltório plástico aos pedaços cujo pacote de leite que envolvia já tinha se estourado na poça d'água, juntamente com os pães. Tudo à revelia do diligente avô que o tinha tentado prender a todo custo no peito com as forças que lhe

restou nos braços. Na visão turva, ainda balbuciava:

- O leite... o leite! Tentando em vão esticar o braço para alcançá-lo, antes de expirar. E um vermelho leitoso escorreu rápido para o esgoto misturado à cúmplice ajuda dos céus!

No júri, anos mais tarde, a menor, à época, e outras testemunhas narraram com detalhes a esquecida barbárie. O dono do outro saco plástico e do primeiro golpe era cidadão de bem e foi absolvido igualmente aos demais: penas substituídas por prestação de serviço à comunidade. Decerto para a justiça, o conteúdo do outro envoltório era bem mais valioso que leite!

Mas, não demorou muito para aquele menino emocionar a todos, tocando uma velha sanfona, ao dedicar ao avô *in memoriam* o seu diploma de Direito, no discurso cerimonial de formatura.

(Sobre o autor: Adelson de Oliveira, paraibano de raiz, amante das artes e das letras, é contista já premiado no Festival Cultural Banco do Brasil 2011. E tem, nesse 3º Concurso Literário IFPB uma obra sua apreciada pela segunda vez. Apesar de despretenso, escreve com paixão e prazer sobre a simplicidade do cotidiano. Sonha publicar, o mais breve possível, o seu primeiro livro de contos.)

PÉS MOLHADOS

O Sol escaldante esquentava a sua pele e cegava os seus olhos, mas apesar da sensação cáustica existente, ela ainda era capaz de captar a beleza estonteante e seca do seu lar. O trabalho não era nem de longe fácil, entretanto a sua motivação possuía como principal engrenagem a esperança nas futuras chuvas.

Esses pensamentos circulavam na cabeça de Nice enquanto retornava do estábulo. Ela tentava afastar as lembranças daquela tarde infame do dia anterior, mas não conseguia. Aquela cena insistia em retornar, como se fosse um monstro emergindo do inconsciente.

Diferentemente do calor que sentia, no dia anterior fazia uma temperatura amena, e uma brisa tornava o dia perfeito para uma breve leitura. Após o almoço, iniciou-a, era o seu horário favorito para ler, já que todos estavam dormindo. Parou na página 10, na “Oração milagrosa do Padre Cícero”, quando a sua atenção fora desviada para o seu netinho. Em pé na porta de entrada, ele coçava os olhos, acabara de acordar. Nice falava carinhosamente com ele, mas só foi respondida por um breve sorriso, em seguida ele correu para a casa vizinha, parou na entrada e lhe presenteou com outro sorrisinho luminoso e puro que só crianças têm, e adentrou na casa. Não entendeu o motivo pelo qual ele não falou, mas retornou sua leitura.

Passaram-se 30 minutos desde a sua última pausa, quando avistou um carro parando. Saindo do veículo estavam sua filha e o seu neto, sua felicidade era tamanha, mas o medo era pungente e arrebatador. Se o neto acabara de chegar, quem era a outra criança?

Recebeu os visitantes com alegria, mas o peso da visão daquela criança ainda estava muito forte. Assim, enquanto a sua filha e seu neto se instalavam nos aposentos, Nice se dirigiu à outra casa, queria saber quem era aquela outra pessoa.

Chegando à porta, ela parou. Havia marcas de pequenos pezinhos feitas de água, hesitou por um momento e mexeu a maçaneta, a porta estava fechada. Não havia pessoas dentro e só a sua filha mais velha possuía a chave, e ela não estava em casa. Vacilando para trás, Nice saiu, o mais rápido que podia e o mais discreto que conseguia. Um único pensamento surgiu, mas

foi afastado depressa.

Agora, analisando a situação, com a sensação de que tivesse acontecido há anos luz, ela encarou o pensamento. A vista da sua casa naquele calor, restaurava a segurança que havia perdido no dia anterior

—Meu filho morto, afogado e desaparecido no fundo de algum rio—disse Nice em voz alta, olhando o lindo céu anil, que o seu filho também vira antes da sua consciência afundar nas águas.

Refletindo sobre o seu pensamento, chegou à rápida conclusão de que era loucura. Seu filho morreu e fantasmas não existem. Riu de si, da sua situação, parecia uma criança assustada com o bicho-papão. Chegou em casa e rapidamente esqueceu o problema que foi enfrentado e solucionado. Animando-se para a reunião com a família.

Mal sabia que nem todas as histórias são mentiras, e que sempre há uma verdade na fantasia e aquela criança realmente existia.

(Sobre o autor: Radharanny Ribeiro Rodrigues é uma leitora assídua e escritora principiante que dedica o seu tempo aos textos dos gêneros terror e fantasia, sendo “Pés molhados” a sua primeira publicação.)

UM DIA QUASE FATÍDICO

Preguiçosamente deitados no sofá, até parecia que nossas mentes dialogavam. Fitei-a docemente, enquanto a acariciava. Seus olhos queriam dizer-me algo. O cachorrês restou traduzido quando ela deu um salto e com tamanha destreza puxou a coleira de cima de um banquinho que me

abrigava os pés. Aos seus sinais, respondi com a pergunta: bora passear? Pode crer que não foi uma coincidência de vontades. Era apenas meu querer rendendo-se aos anseios dela.

O relógio em meu celular marcava 22:45h, mas isto de maneira alguma seria um empecilho para aquele passeio incrivelmente sacro. Já há muito essas andanças tornaram-se-me um patrimônio emocional. Passear com Pituxa, que me lê até a alma, me é hoje uma questão de fortalecimento de espírito. E, conhecendo-a como a conheço, ela deve achar o mesmo. Estive pensando cá comigo...

Sua empolgação, traduzida em pulos e latidos frenéticos, por intermináveis segundos me impediram de abrir a porta. E sua alegria foi mesmo tanta que chegou a contagiar a vizinhança. A vizinhança de cachorros, claro. De vários apartamentos, ouvimos latidos e até uivos que pareciam dizer: nós queremos passear também!

Sáímos, enfim, do lar que construímos. Ela e eu. Desce-mos a escada, chegamos na extensa área comum do estacionamento. Uns trezentos metros até o portão que nos leva à rua, era tudo o que víamos. Aquilo parecia uma galáxia. Centímetro a centímetro, porém, caminhamos com prazer. E lá iam um rabinho balançando, uma língua se espalhando... dois corações cheios de uma enigmática forma de amor.

Uma parada aqui, outra acolá. Haja xixi. Dizem que é demarcação de território. Se isto for verdade, ela manda em todo nosso apartamento.

E no caminho ela ainda perdia tempo comendo mato, embora sua insaciável vontade mesmo fosse passarmos pelo portão e ganharmos a rua. Xixi, xixi, xixi. Mato, mato, mato. Chegamos! Cruzamos finalmente a fronteira de vidro, que parecia estar no fim do mundo! E aí sim começava a odisséia: um universo se descortinando para ela: Carros, motos e, vez por outra, até carroças puxadas por jumentos. Deveras não poderia

haver melhor lugar para morar com minha amiga do que esse que escolhi. Só não posso chamá-lo de celeste. Na contramão disto, a realidade da violência me assusta.

Pois é, minha companheira de passeio não tem a mínima noção do perigo das ruas das cidades grandes. Para ela, todo o mal, toda hostilidade, não vai além dos cães pelo caminho, exibidores de latidos, uivos e dentes afiados. Ah, essa pequenina não tem mesmo a ideia do quanto o bicho no homem pode ser perverso!

E seguimos. Ela, como quem flutuava. Eu, já como quem estava num campo de guerra. Foi o alerta que soou do meu precioso neurônio da experiência. E eis que, a cerca de

quatrocentos metros de casa, uma moto com piloto e carona parou ao nosso lado. Choveu um festival de latidos, bem no estilo Pinscher. Não, não eram latidos de medo, tampouco de valentia. Eu os entendi perfeitamente. Eram latidos de revolta. Também não era para menos: aqueles dois desconhecidos acabavam de interromper o nosso passeio.

Olha, com medo mesmo quem estava era eu! O relógio já marcava vinte e duas horas e cinquenta e cinco minutos. Temi de verdade por um possível assalto. Àquelas alturas, pedia a Deus pela nossa segurança. Meu celular já estava pronto para ser entregue. Em meio àquele cenário prenunciador de uma tragédia, meu coração quase pulou pela boca, quando o carona, sem remover o capacete, apontou o dedo para meu celular e perguntou: que horas são aí, senhor?

Respondi que eram vinte e três horas, tentando não passar que havia ficado com... medo, não... pavor! Foi só um susto! Seguimos. Quanto mais nos distanciávamos do condomínio, mais Pituxa ficava eufórica. Ela nunca havia ido mesmo tão longe. Nem eu. Sua euforia, entretanto, era inversamente proporcional à sensação de insegurança que me dominava. Outro dia até soube que mataram um homem lá perto, sem contar do casal que passeava com seu animalzinho e foi assaltado. Tudo naqueles arredores.

Mas, conduzido por uma força maior, eu seguia, meio que arrastado contra minha própria vontade. Uma débil sensação de segurança parecia dizer-me que nada de mal aconteceria comigo, nem com ela. Assim, Fomos. Fomos. Fomos. Fomos... até que me perdi. E a conta do celular atrasada nem me per-

mitia utilizar o GPS.

Os postes jogavam uma luz frouxa, em amarelo opaco, como a sinalizarem perigo. Grilos orquestravam com sapos num cenário bem próximo a uma cena de terror... que restou concretizada quando, do nada, a uma média de 200 metros, num descampado, surgiu um homem de baixa estatura, gordo, aos gritos de ódio, segurando uma arma e, ao que concebeu meus sentidos, apontada para nós. Seguiram-se vários tiros em nossa direção! Como um foguete, puxei Pituxa para meus braços e tal qual louco... sim, como quem está louco para viver, corri... corri... corri e corri! Nesse dia, fiquei sabendo que nosso inconsciente vai sempre nos fazer lembrar do caminho de casa.

Nos meus braços, Pituxa, ainda sem saber como o bicho no homem pode ser perverso, deliciava-se com aquela nova brincadeira. E eu, vivo, sucessivamente agradecia a Deus, porque ainda não era meu dia de morrer. Nem o dia dela.

(Sobre o autor: Feliciano Júnior, escreve predominantemente o gênero Cordel. Em 1995, foi vencedor do prêmio Novos Autores Paraibanos, nesse gênero, com a obra Zé Pobre e Maria Rica-UFPB. Recentemente, com a obra Jackson, Coração de Pandeiro, foi contemplado pela Lei Aldir Blanc, na esfera Estadual.)

ZELINDA

Feito fogos de artifício espocando em noite escura, trazendo um misto de medo e encantamento, assim era Zelinda. Talhada para esbarrar na tênue fronteira do imponderável.

Cabocla faceira, sem rédeas. Era a caçula de oito filhos, a sexta menina. Concebida ao acaso, no desgoverno da vida, não carregava qualquer tristeza. Não era muito de pensar. Acho que nem pensava.

Zelinda encantava mais do que amedrontava. Vivia cercada de olhares, de prosas, de ralhás. Nunca ficava esquecida, não vivia pelos cantos. Ao contrário, era centro. Esbanjava vida, irradiava alegria, acabava com o silêncio da vila. Isso só foi ficar claro depois do ocorrido.

Eu, apesar de bem mais nova, espoleta em exagero, perdia terreno por quilômetros para Zelinda. Com ela, não havia páreo. De voz estridente, pele morena, cabelos anelados quase a lhe roçar a cintura. Fios que nunca viam pente, sempre em desalinho; tinham a cor dos olhos, castanhos-acobreados. Lindos olhos, acesos feito labaredas. Esguia, vivia metida em vestidos sempre frouxos, herdados das irmãs mais velhas, e que lhe davam um ar de constante desmazelo. E chinelos surrados, quase a saírem dos pés, compunham o semblante de Zelinda.

Arredia à escola, depois de muita repetência e já sabendo escrever o nome, largou de vez. Também já nem se ajeitava mais nas carteiras do grupo escolar. Era moça feita. Distraída demais para conseguir um emprego, não se acomodava. Restava-lhe serviço nas colheitas no entorno da vila. Fazia isso, mas a ocupação era pouca. Na capina, não se encaixava. Como não rendia na lida, sitiante algum se interessava em combinar serviço com ela. Isso só foi falado depois do ocorrido.

O pai, nordestino de nascimento, na vila era o “faz-tudo”. Vendedor de galinhas, amansador de cavalo, negociante de boi, empreiteiro de obra, pedreiro. Bastava ser chamado, lá vinha o Seu Zé apetrechado com seu chapéu de couro. A mãe, sertaneja mirrada, de semblante crispado, era dada a benzimentos. A vila toda acorria às passadas de ramo de Dona Lindinalva. E ainda era parteira! O nome de Zelinda, sem muita opção de escolha depois de tantos filhos, foi o ajuntamento dos nomes dos pais.

Era família de pessoas honradas, todos trabalhavam. Zelinda era a mais protegida, tinha a escora de carinho dada aos caçulas. Viera para desfrutar desse aconchego. E desfrutava. Mesmo sendo vista como descompromissada, doidivana, não era. Apenas, feliz, só isso. Passava, indelével, pelas agruras da vida. Não se prendia a tristezas. Se existiam, e existiam, não a fígavam. Era imune, etérea.

Naquele canto do mundo, a vida corria sem grandes surpresas. As alegrias eram reservadas a nascimentos, poucos casamentos. Aniversário quase não era comemorado, a não

ser com uma missa em ação de graça. As tristezas, sentidas, mas pouco faladas, eram traduzidas apenas no choro em algum velório, que também era raro por ali. Vila de poucas ruas, todos sabiam tudo sobre todos; ninguém escapava do crivo de olhos nem sempre bem-intencionados.

Dos namoros, dos adultérios, dos estapeamentos, das brigas de boteco, tudo era falado na surdina. Todos sabiam, mas só se comentava entre quatro paredes.

Quando acontecia de calhar um namoro que não era de gosto da família, a vila ficava em polvorosa. Virava um burburinho, uma expectativa velada. E sempre acabava da mesma maneira. O casal fugia. Passava um dia fora, costumeiramente abrigado por um familiar mais distante. Quando voltava, a moça sempre avexada, a situação criava um mal-estar, percebia-se a vontade do pai atracar no pescoço do genro. Vontade que só era abrandada pela certeza de que a mazela seria remendada. Do casamento ele não escaparia. E os casamentos eram realizados e mantidos, independentemente de vontade.

Zelinda era impetuosa, sem modos. De gargalhada franca, deixando à mostra todos os dentes, cabeça jogada para trás, o som ecoava longe, animava parte da vila. Talvez por isso, apesar de pretendida por muitos moços dali, era evitada. O candidato se resguardava, temia a lida com aquele aquele espírito indomado. A recomendação vinha de casa: era sinônimo de perigo.

Um dia, apareceu na vila o coletor de impostos. Os moradores, acostumados com o velho Doutor Afonso, ficaram admirados com a aparência quase imberbe do novo servidor. Chamava-se Augusto. Não aparentava mais de quarenta anos, bem vestido, dirigindo um carro impecavelmente novo. O costume

era hospedar-se no único hotel da vila.

À noitinha, os hóspedes, quase sempre mascates e motoristas, ajeitavam-se nos bancos da praça. Ali conversavam, acendiam seus cigarros, planejavam a nova rota a percorrer. E não faltavam os olhares furtivos para as moças da cidade. Tudo muito discreto, segredo velado.

E foi assim, sem saber, que Zelinda conheceu o amor. De início, nem percebeu o interesse do novo coletor. Foram meses sem que erguesse os olhos e sorrisse para o estranho.

Ela era irrequieta, mas trazia um migalho de lerdeza. Tinha inocência, alma de criança.

Augusto passava pela vila de dois em dois meses. Foram tantas as investidas que, por fim, conseguiu conversar com Zelinda. Sempre que voltava, trazia presentes. Perfumes, bombons, tecidos... Ela ficava encantada, tudo era novidade, luxo que não conhecia. Não namoravam; ele nunca falou disso e ela nem entenderia.

Dona Lindinalva achava tudo muito estranho, procurava esconder os presentes para que o marido não percebesse. Só não conseguia abafar o cheiro dos perfumes que Zelinda, descontroladamente, usava. Não tinha hora ou lugar, o excesso ardia até nos olhos. Com o tempo, até o pai percebeu.

Pela vila, o murmurinho corria solto. Estava se avolumando de tal maneira que extravasava as quatro paredes. E chegou aos ouvidos do Zé Cearense. Foi um quiprocó. Zelinda conheceu, pela primeira vez, a mão pesada do pai. Naquela casa, nunca as preces foram tão clamadas como naqueles dias. Dona Lindinalva passava os dias implorando a

intercessão dos santos, pedindo a proteção de Deus.

Nem todas as sovas e todas as rezas conseguiram separar Zelinda do encantamento dos presentes. Contava os dias para encontrar Augusto. Os encontros eram furtivos, cuidadosamente tramados. E foram tantos... Isso foi falado depois do ocorrido.

Certo dia, os olhos diligentes da mãe perceberam que os vestidos frouxos estavam se ajustando. A filha estava mais encorpada, ainda mais bonita. Nem deixando que seu coração se alegrasse com aquela formosura, a realidade a puxou pelo estômago. Sentiu um calafrio, uma gastura, um desassossego; de cria ela entendia bem. Ainda que a própria Zelinda não sou-

besse, estava prenha.

Outra quizumba foi formada. Desta vez, a mão pesada do pai não foi sentida. Dona Lindinalva não permitiu.

Zelinda, de início, ficou assustada; mas, com o passar dos dias, a barriga não parecia lhe apoquentar, ria do mesmo jeito, andava por todos os cantos. Descompromissada, falante, sem rédeas, faceira. O pai, calado e inconformado, esperava a volta do coletor de impostos. A espera levou meses, ninguém ouvia falar de Augusto. E, embora sentisse falta dos presentes, Zelinda nunca ficava triste.

A gravidez ia tão avançada que Zelinda já não podia correr. Formosa, tendo o encanto de uma borboleta, moldada por uma graciosa lerdeza, não se inteirava com o preparo de qualquer roupinha para o filho, não tinha qualquer tino da responsabilidade que se formava no seu ventre.

Naquele fim de tarde, Dona Lindinalva percebeu que, apesar de estar quase escuro, Zelinda não voltou para casa. Com o coração apertado, fincou pé na soleira da porta, olhando a rua. A noite caiu, e ela não chegou.

Quando Seu Zé entrou pelo portão, percebeu a agonia nos olhos da mulher. Atordoados, todos da casa saíram em busca da menina. Em pouco tempo, a vila toda procurava por Zelinda. Não sobrou casa que não fosse visitada. E nada de notícia. Absolutamente nada.

Começou um falatório de que o carro do coletor de impostos havia passado por ali. E assim cresceu a suspeita de que Zelinda tinha partido com Augusto. Antes tivesse...

A madrugada já ia alta quando Dona Lindinalva ouviu abrir o portão. Num pulo, estava na porta. Era Seu João da Botica. Um caminhoneiro tinha encontrado Zelinda. Estava jogada na beira da estrada, morta.

A dor dilacerante daquela família nunca foi esquecida. Era um choro engolido, um fincar de espinhos em ferida aberta.

Zelinda fora esfaqueada no ventre. Morreu mais o filho, cortados pela mesma lâmina. Estava imensa. Colocada no caixão, a barriga transbordava na altura. Parecia que era chegada a hora de parir. Antes fosse...

A dor maior, aquela que marca o pensamento para a vida inteira, foi quando, no momento em que o caixão deixava o casebre, não foi possível colocar a tampa. A estrutura de ripas

de madeira revestida de pano roxo não cobria a imensa barriga. Nessa hora, Dona Lindinalva não resistiu. Pôs-se a gritar. Urrava feito uma alucinada, maldizia o Criador, se arranhava. Ali, naquele momento, deixou a sua sanidade, os seus benzimentos, o seu ofício de parteira. Pelo resto de seus dias, arrastou-se, ensandecida. Seu Zé desacorçoou.

Zelinda foi enterrada com a tampa do caixão apenas escorada, sem lacrar. E isso ficou gravado na memória do povo. Partiu sem presentes, sem compromisso, sem saber por que partia.

O malfeito não foi apurado; era o costume. A prova da autoria do martírio morreu com ela. Apenas suas retinas testemunharam a figura do algoz. Augusto nunca mais foi visto, virou lenda.

Na vila, mesmo depois de mais de meio século, as dúvidas ainda perduram. A dor não foi esquecida. Espalha-se por entre as casas. Sobrevoa, silenciosa. Talvez procure se juntar, mais acima, ao som das gargalhadas espalhafatosas de Zelinda.

(Sobre o autor: Alzirinha da Vila, Regina Ruth Rincon Caires, nascida em Auriflamma/SP, em 07 de setembro de 1953. Casada, funcionária pública federal aposentada, tem dois filhos e um punhado de netos. Formada em Letras e Direito. Não possui livros publicados. Classificada em alguns concursos literários.)

Crônicas

A MAGIA DO NATAL E A GATA BORRALHEIRA

Não sei precisar a data, mas se não me falha a memória, foram naqueles primeiros dias de dezembro que estava indo à cidade vizinha de Itabaiana e fiquei a esperar que aparecesse lá, no ponto dos carros, um de aluguel que me conduzisse àquela localidade. É fundamental precisar que o local onde estavam estacionados aqueles carros fica num dos pontos turísticos da nossa cidade de Pilar: a Praça José Lins do Rego, antiga praça João Pessoa. Enquanto aguardava a condução não tive como não reparar nas péssimas condições físicas em que se encontrava um dos cartões postais mais importantes e visitados da nossa cidade.

Parei um pouco e, meio atordoado com o que via, pensei com meus botões: a nossa benquista praça, motivo de admiração por nós pilarenses e por visitantes, encontrava-se naquela ocasião em total descaso e abandono por quem deveria cuidá-la, principalmente. A relva, os famosos fícus, as lindas rosas de outrora clamavam por cuidados simples, e, até mesmo, por água num brado de socorro registrado pelas condições de ressecamento nesta situação deplorável. Era visível que há muito tempo a relva já não era regada por uma só gota do nosso líquido mais precioso, que fartasse as suas necessidades vitais. Posso até exagerar nas palavras, mas via naquilo um crime ambiental de total abandono.

Nisso veio a lembrança do meu avô Augusto Fogueteiro. Boas recordações me visitaram quando o patriarca da família fogueteira reunia toda a família e contava seus casos sendo a maioria deles relacionados a Pilar já que ele fora um grande enaltecedor da sua terra natal.

Certo dia, após o jantar naquelas habituais reuniões familiares, do nada lembrou-se da Praça José Lins do Rego. Contador de casos e ainda poeta que era, com aquela voz branda e ao mesmo tempo firme, disse-nos que os fícus que ornamentam aquele ambiente público foram lá cravados na década de 50, trazidos da Capital, João Pessoa, e que o busto em pedra do escritor conterrâneo José Lins do Rego, que a embeleza, fora esculpido pelo famoso Bruno Giorgo e inaugurado nos anos cinquenta com a presença ilustre dos escritores Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz e Apolônio Sales de Miranda, então prefeito

da capital paraibana e do próprio Lins.

Meu avô centenário Augusto Fogueteiro trouxe de volta à memória e nos disse que durante esse evento de inauguração, no seu breve discurso, Rego disse apenas que se o Papa Rabo (personagem dos livros *Menino de Engenho* e *Fogo Morto* desse escritor) fosse vivo diria: “taí mais uma besteira do moleque do Corredor”. Realmente, poderia até ser mais uma besteira, mas a importância que Lins deu a este local nas suas obras imortais tem imensa importância histórica e sociocultural.

Ele também falou que aquela praça é palco de uma lenda, das muitas que enchem o imaginário do povo pilarense. Relatou que os mais antigos contavam que lá, na Praça, foram encontradas arcadas arqueológicas de arco e flechas, ossadas de animais exóticos e de humanos, provavelmente dos remanescentes dos índios cariris, tribo esta que deu título à cidade de Pilar de Capital Paraibana dos Índios Cariris.

Meu avô, ademais, lembrava das retretas dominicais que eram realizadas em comemorações de datas festivas locais no coreto da praça, ponto de encontro da sociedade pilarense e símbolo de toda cidadezinha de interior mais antigas, como Pilar que já tem quase trezentos anos de fundação.

Destarte, diante de tanta importância histórica, cultural e turística marcando o perfil paisagístico da nossa querida Pilar numa harmonia entre seus ficus podados que sempre outrora atraía visitantes, vemos agora uma praça “sem importância” aos olhos dos nossos governantes e, até mesmo, de muitos conterrâneos, infelizmente! e a cada dia o nosso cartão postal de-finha e clama por cuidados urgentes.

Meus pensamentos e frustrações foram interrompidos pelo motorista do táxi que me convidava a entrar no carro e partir rumo à Rainha do Vale do rio Paraíba, Itabaiana. À noitinha, ao voltar, fiquei embevecido ao me aproximar do nosso largo. Fiquei extasiado, pois toda aquela angústia que havia relatado pela manhã, como num passe de mágica, havia ficado para trás: a Praça José Lins do Rego tinha se transfigurado, agora protagonizada pela presença de uma bela decoração e de inúmeras luzes natalinas, deixando aquela imagem de puro abandono, quando ainda o nosso astro-rei dominava. Tudo isso naquele momento estava imperceptível; como encantamento produzido por uma poderosa vara de condão, o local havia se

transformado num cenário das “Mil e Uma Noites”: aquelas inúmeras luzes coloridas e piscantes tinham “paramentado” a situação calamitosa em que se encontrava aquele largo público.

Logo o iluminado local se encheu de muitas pessoas para ver aquelas luzes e, claro, muitas delas, nitidamente, abstraindo a situação física/calamitosa da praça. Aquele público que ali estava maravilhado planeava registrar a magia daquele momento que lhe fascinava; contudo, a pouca relva que ainda restava era ignorada, as luzes eram as protagonistas naquele cenário mágico. Era a nossa Cinderela.

No outro dia, logo cedo, precisei voltar à Itabaiana, e, mais uma vez, a praça estava lá como os outros dias: árida, descampada e, obviamente, abandonada. A nossa “Cinderela” tinha voltado a ser a “Gata Borralheira”, pois era dia e a magia havia se acabado.

Diante de tantos apelos às autoridades competentes pelo descaso citado, o que nos restava era esperar que a noite chegasse com o propósito de que a Cinderela surgisse por encantamento, repetidamente, ou, quem sabe, por fim, aparecesse um belíssimo “príncipe” que a valorizasse de verdade e cuidasse daquele ponto turístico durante os nossos longos, claros e quentes dias de todos os dias.

Pilar-PB, dezembro de 2019.

(Sobre o autor: Lucimário Augusto “Apesar de gostar de escrever de um tudo não me considero um escritor, mas um juntador de palavras. Apesar de ter um livro publicado, coleciono textos diversos numa biblioteca virtual. Adoro contos, causos, narrativas, e colocar no papel o que vem na memória.”)

A ONÇA

No último mês de aula, em uma sexta-feira, a professora pediu um texto valendo nota. O tema seria baseado em nosso cotidiano desse final de semana. O assunto é sobre qualquer atividade, desde ir a um jogo de futebol ou passear no shopping para fazer compras. Essa notícia não me agradou, na minha cabeça é algo muito complicado de elaborar, meu final de semana se resume a dormir, comer e assistir filmes.

O sábado estava acabando e com ele minha esperança de ganhar uma boa nota, foi quando peguei o controle para desligar a TV, escutei uma propaganda. Era sobre um dos maiores circos do país, por coincidência estreia na cidade neste domingo pela primeira vez. Automaticamente avistei uma oportunidade de escrever minha história. Claro! Não tinha dinheiro para assistir ao espetáculo, mas percebi pelas imagens que os animais do circo ficavam expostos do lado de fora.

Fui até o bendito circo e ele era colossal, maior do que parecia na TV e como eu desconfiava os animais estavam à vista de todos. Quando cheguei fui correndo em direção daqueles barulhos esquisitos, junto de uma multidão que teve a mesma ideia. Muita gente estava lá, fotografando os camelos, lhamas, leões e elefantes. Eu queria ver de perto aqueles animais, coisa que só via em filmes ou no livro de biologia, fiz questão de visitar cada um deles.

No meio dessa multidão surge um homem com um balde de carne pedindo espaço, parece ser um dos cuidadores. Ele foi direto para a cela da onça-pintada, que parecia estressada com os flashes, mas isso não incomodava o homem que parecia confiante. As pessoas cercaram as grades da onça para vê-la se alimentar. Ela respondia roncando alto e mostrava os dentes.

Foi quando o inesperado aconteceu, a onça com um bote segurou a porta antes que o homem fechasse. No susto o cuidador caiu sentado no chão e a onça pula para cima dele.

Nesse momento as pessoas começam a correr e gritar causando ainda mais confusão. A onça atraída pelos barulhos causando ainda mais confusão. A onça atraída pelos barulhos vem em nossa direção, e como eu era um dos mais próximo fiquei na sua mira.

Ela começou me perseguir com olhos ferozes, olhei para

trás e a onça já estava no ar com às duas patas erguidas em minha direção. O felino me derrubou com muita força, me segurou com as garras e mordeu a batata da minha perna. Senti os dentes entrando na minha carne, não conseguia gritar e nem chorar. Eu nunca senti tanta dor, não sei se era meu sangue ou a saliva quente do bicho que escorria. Não sei, acho que desmaiei depois disso.

Só sei que acordei em casa de madrugada com o coração disparado e a testa suada. Aos poucos ponho a mão na minha panturrilha e apalpo cuidadosamente. Respirei aliviado, quando olhei para minha perna presa no mosquiteiro, tudo não passava de um terrível pesadelo. No dia seguinte, não tinha necessidade de ir ao circo, porque minha história já estava pronta.

Campina Grande-PB.

(Sobre o autor: Tiago Dos Santos Gouveia “Sou novato no universo literário, esta é minha primeira publicação. Amo filmes e séries, mas a minha maior fonte de inspiração são meus sonhos.”)

EM BRANCO

Eu tenho medo de morar só, por causa disso eu tenho uma moça que cuida de mim, eu não lembro quando ela veio aqui para minha casa, eu não lembro... Bem se eu não me engano eu tenho dois filhos.

-Espera! Do que eu estava falando mesmo? De repente veio um branco na minha cabeça. É sempre assim, começo um assunto e quase não termino. Às vezes eu sinto medo da noite porque escuto pessoas conversando, eu não sei quem é, mas sinto uma ligação com elas, sei também que são duas pessoas adultas elas me chamam pai...

A moça que cuida de mim não vem à noite, mesmo assim, essas duas pessoas que escuto me tratam como uma criança mesmo eu sendo um idoso. Isso me assusta, eu já sou velho eu não percebi o tempo correr, passa rápido demais. Ah não! Espere um pouco...

-Qual é o meu nome? Fico perdido entre esse tempo e o tempo de quando vivi minhas melhores histórias. Mas, agora não me lembro do meu almoço de hoje. Por que não consigo lembrar se tomei algum remédio hoje? Volto a perguntas sem respostas que se repetem como meus dias. Parece que estou no hospital por quê? Estou numa sala em branco não consigo me mexer só ouço vozes bem longe, mas não vejo o que está acontecendo o que as vozes falam? Foi que de longe me deram a pior resposta

— Infelizmente agora é só esperar, não há mais o que fazer.

Eu não entendo, só sei que vejo uma sala, uma vida, uma morte...

Em branco.

(Sobre o autor: Júlio César Rodrigues "Comecei indo ao sarau de princesa Isabel e depois fui convidado para o sarauzinho onde fiz alguns textos e daí entrei de cabeça nesse mundo.")

ONOMATOPEIA QUE CONECTA

Isolamento castiga. Já são seis meses em casa, eu e a cachorra. Longe dos meus pais, que ainda se acostumam com a tela do celular. Longe de Marido, no trabalho, sem conexão decente. Longe dos amigos, só com o ocasional meme de bichinho enviado por mensagem, e poucas figurinhas de reação. Ah, figurinhas! Olha esse patinho, que bobo! Mas isolamento salva. Sou grata por ter oportunidade de me isolar. Sou medrosa, gosto de diminuir riscos. Mas como planejar, se o mundo é surpresa? O jeito é não sair de casa. Para nada! Mas, nada para. Não mais. Mesmo sem vacina. Mesmo sem remédio.

Ding! Lembrete Agenda: Legislação Social - 18h20, em 5 minutos

Aula? Aula! Aula, hoje? Aula, agora!

Pula da cama, já para o banheiro. Banho em 5, será que consigo? Banho, em 3! Enxuga, veste. Penteia? Diadema!

Meu Deus, o dia passou em branco. Tantos dias, tão iguais, sem uma linha escrita. Mas, preparei material. Preparei o quarto. Abri a sala, será que eles vêm? Postei o link, postei referências, postei atividade, postei meu plano. Aos poucos, diluindo pela semana, como gotas de produtividade para afugentar ideias ruins. E, como vêm, tais pensamentos! Mesmo com tudo aparentemente certo, com saúde, sem nada faltar. Será que não falta? Eu sinto falta. E aí, vão faltar?

Ping! Opa, pedido para ingressar na sala! Aceito, mas não surge ninguém. Deve ter caído. Será que a minha Internet aguenta? E o computador, fiel há uma década, vai resistir a esse trabalho? Não reclama, podia ser pior. Comprei luz, montei câmera, vai dar certo. Qualquer coisa, muda para o telefone. Celular... acho que eles vão entrar pelo celular. Será que a bateria aguenta? Será que a Internet suporta? E o aparelho? Ah, mas fica gravado. Vai dar certo. Vai?

Ninguém, ainda. Devem estar no trabalho. Ou no transporte. Mas eu espero. Eles sabem que eu estou aqui, avisei. Será que o som está funcionando? Volume no máximo, melhor testar o microfone. OLÁ?

Gente, como que fala? Há tanto tempo só, com meus botões e Caramelo, que a voz arranha. Preparei material, preparei o quarto, mas não preparei a voz. Nunca precisara. Toma

água, dá tempo! Engasguei. Piorou. Com cuidado, mais um gole! Olá? Hum, acho que consigo. Melhor voltar.

Pong! Entrou! Ué, não vejo. Não me veem? Vou ligar a câmera! Ok, luzinha vermelha piscando, devem me ver. Quero vê-los. Boa noite, pessoal, liguem as câmeras! Ih, caiu. Outro... e mais um. E eu. Não vai dar. Internet não aguenta, computador não aguenta. Mas preciso voltar, eles vieram, talvez eu possa ajudar. Eles podem me ajudar. Voltei. Ping, pong, ping pong. Voltaram! Vou ligar a câmera! Boa noite, pessoal, NÃO liguem as câmeras, mas os microfones, e falem! Boa noite, do trabalho! Boa noite, do ônibus! Boa noite, da casa da sogra, em outro Estado! E, a cada piscada da minha luzinha vermelha, mais uma boa noite se fazia. Não estou só, estou com eles. Estou segura, e eles também. E podemos continuar a vida.

(Sobre o autor: Annuska Macedo é premiada em concursos epistolares na infância e retorna à escrita literária, após anos de formalismo acadêmico, permitindo-se retratar o fantástico do cotidiano.)

PRECIPITADO

É feriado, e chove. Também é verão, mas chove. O calendário valendo cada vez o mesmo. Na rua, não há ninguém. Talvez, por isso, a chuva; talvez, por isso, deserto. A manhã já se foi e a noite se atrasando. É tarde, mas ainda é cedo. Em casa, a roupa deve fazer peso no varal; na rua, a chuva pesada faz um varal de mim.

Pelo meio da estrada, metade de mim é água e a outra também. Uma parte de mim quer parar e a outra não existe. Heroietes se afogam nos meus bolsos, presos ao vil metal. Meu corpo cheio deixa à mostra o copo vazio. Chove sangue entre canivetes cegos. Chovia assim sobre Santiago?

As ruas que vejo adiante são afluentes da avenida. Do lado de lá, no horizonte de pixels, as nuvens lembram menos algodão que esponja de aço. Na torrente, os lados convergem sobre a lente convexa. Eis um tempo que não rima com os demais. Nem rima rica, nem rima pobre. Versos brancos para um dia cinza.

Essa água toda afoga o silêncio desta tarde com um monólogo de óxidos de hidrogênio suicidas. Tudo é som e tudo é fúria, mas tudo é mudo e tudo é calma. Cada gota d'água sobre o zinco me faz solfejar descompassadamente a dança dos círculos concêntricos.

A chuva me deixa anônimo por tanta ode ao inexato. Perco minha identidade, já que tudo é papel, boa parte é teatro. Minha pele agora é minha alma, e eu sou a superfície. Cada pingo é uma linha de coisa escrita e cada poro meu é um diálogo. A água se torna amplexo enquanto a chuva escreve um poema em mim e faz do meu caminho uma epopeia.

A chuva sobe a escada, pula o muro, cai por terra. A chuva calça meus pés, me benze e me batiza contra os sentimentos impuros e, na minha caminhada, me faz sentir o mundo inteiro forte assim como um tufão e livre como uma tempestade.

(Sobre o autor: Afonso Manoel, artista nordestino nascido em Juazeiro do Norte, Ceará, e radicado na capital da Paraíba, Afonso Manoel é escritor e compositor do disco "Pássaros que voltam para o norte".)



**COMISSÃO RESPONSÁVEL PELO ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DO 3º
CONCURSO LITERÁRIO DO IFPB - HOMENAGEM A MARÍLIA ARNAUD E
LOURDES RAMALHO, BEM COMO A EDITORAÇÃO DA 2ª COLETÂNEA DE
POESIA, CORDEL, CONTOS E CRÔNICAS DO IFPB.**

Bruna Belmont de Oliveira
Daniel Everson da Silva Andrade
Edgreyce Bezerra dos Santos
Ericka Anulina Cunha de Oliveira
Fernanda Isabela Oliveira Freitas
Francisco Igor Arraes Alves Rocha
George Glauber Félix Severo
José De Arimateia Tavares
Maria Eliziana Pereira de Sousa
Rafael Borges Ardiles
Rafael Venâncio
Rodrigo Rodrigues Malheiros
Rosa Samara Silveira Xavier (presidente da comissão)
Sergio Araújo de Mendonça Filho
Vandikson Coelho Barbosa
Veronica Maria Rufino de Sousa

AVALIADORES

Ana Carolina Abiahy
Bruna Belmont de Oliveira
Ericka Anulina Cunha de Oliveira
Erivan Lopes Tomé Júnior
Fernanda Isabela Oliveira Freitas
José de Arimateia Tavares
Larissa de Souza Mendes
Marcos Antonio de Andrade Filho
Sergio Araújo de Mendonça Filho
Patrícia Margela Fernandes Silveira
Vandikson Coelho Barbosa

Este livro foi composto em Trebuchet MS durante 2022,
e foi impresso em papel Couché fosco 90g.



Av. João da Mata, 256 - Jaguaribe. CEP: 58015-020, João Pessoa - PB.
Fone: (83) 3612-9722/ E-mail: editora@ifpb.edu.br



No centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, importante marco para a cultura brasileira, vivemos tempos estranhos quanto ao reconhecimento da diversidade cultural brasileira e ao apoio estatal à arte e cultura nacionais. A resposta a isso não poderia ser outra e eis que surge mais uma edição do Concurso Literário do IFPB. No Brasil de ontem e de hoje, o livro, a biblioteca e a leitura não são uma realidade para todos os brasileiros. O interesse de uma centena de pessoas da Paraíba e de diferentes recantos do Brasil, em participar do Concurso Literário e dessa Coletânea, pode ser compreendido como um posicionamento importante de quem anseia pela transformação de clubes de tiro em espaços de leitura. Convidamos, você, caro leitor, a desfrutar o universo literário desse coletivo de pessoas que contribuem, ao lado do IFPB, com a construção de um Brasil da leitura, do livro, da literatura e da biblioteca.

